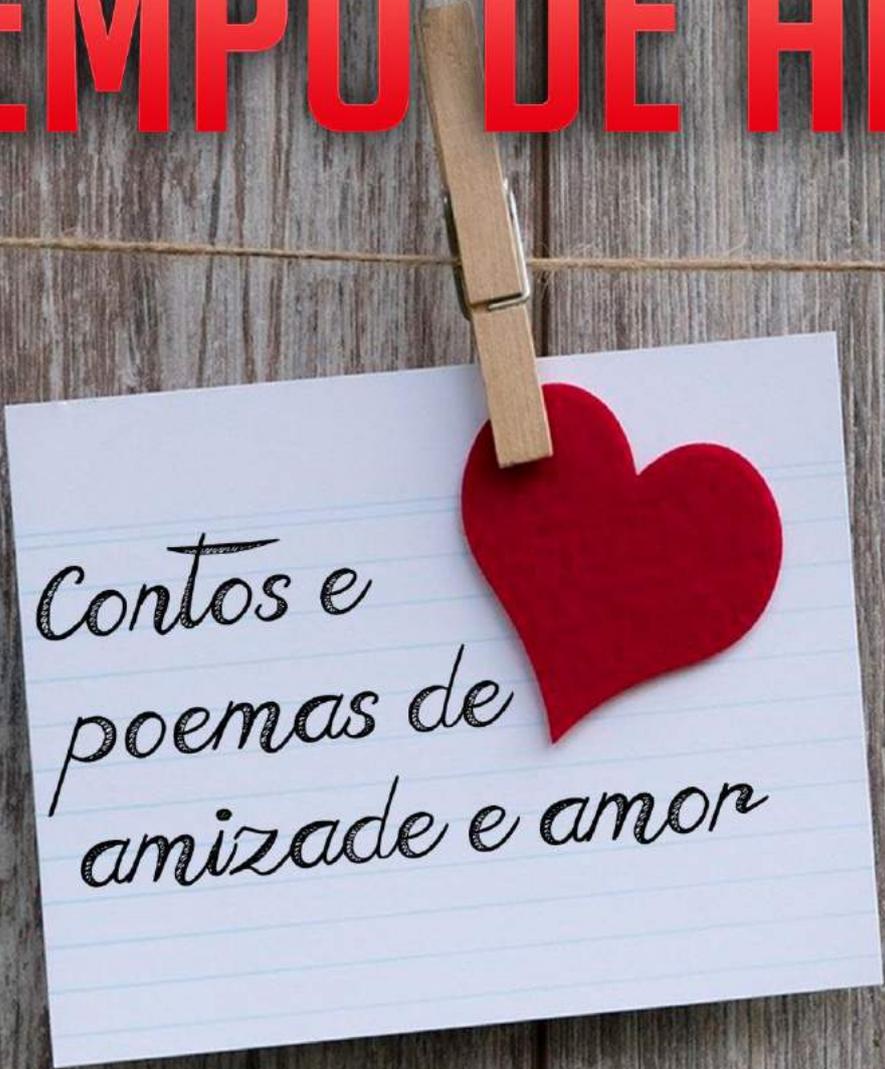


TEMPO DE AMAR

VOLUME V



Contos e
poemas de
amizade e amor

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura - ISSN: 2448-1068
2022
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

- Céu de Mariana, por Bel Wells, pág. 05
Dança II, por Bernardo Szpilman, pág. 08
Sonho em versos, por Bernardo Szpilman, pág. 10
Toda riqueza nasce da Terra, por Bernardo Szpilman, pág. 12
Resmungos de um excerto existencial, por Denise Peres Martins Rezende, pág. 14
En Una Tarde de Otoño..., por Emarcolino, pág. 17
Aessos de amor, por Fernanda Monteiro Catai, pág. 20
Reencontro, por Flávia Prata, pág. 26
Fé de Maria, por Jeany Borges e Silva Ribeiro, pág. 29
Ditos..., por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 31
Que luta!, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 33
Será amor?, por LA, pág. 35
Um dia, por LA, pág. 37
Uma amiga, por LA, pág. 39
O amor nas estações, por Lilian Ferraz, pág. 41
Memórias, por Monaliza Nunes, pág. 43
Garota da lavanderia, por Natália Franco, pág. 46
O garoto vestido de detetive, por Natália Franco, pág. 48
Afortunadas, por Raquele Vilalta, pág. 50
Registro digital, por Raquele Vilalta, pág. 52
Excesso de dados, por Roberto Minadeo, pág. 54
Perdido pela vaidade, por Roberto Minadeo, pág. 60
Eclipse - Parte I, por Roberto Schima, pág. 67
Eclipse - Parte II, por Roberto Schima, pág. 72
Arcanjo Guerreiro Cor Azul, por Walysson Gomes, pág. 77
Encantamentos do luar, por Wanda Rop, 79
Conheça outros títulos da coleção, pág. 81

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

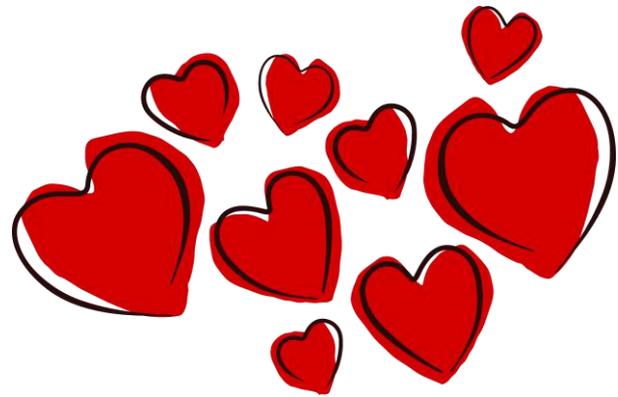
VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura

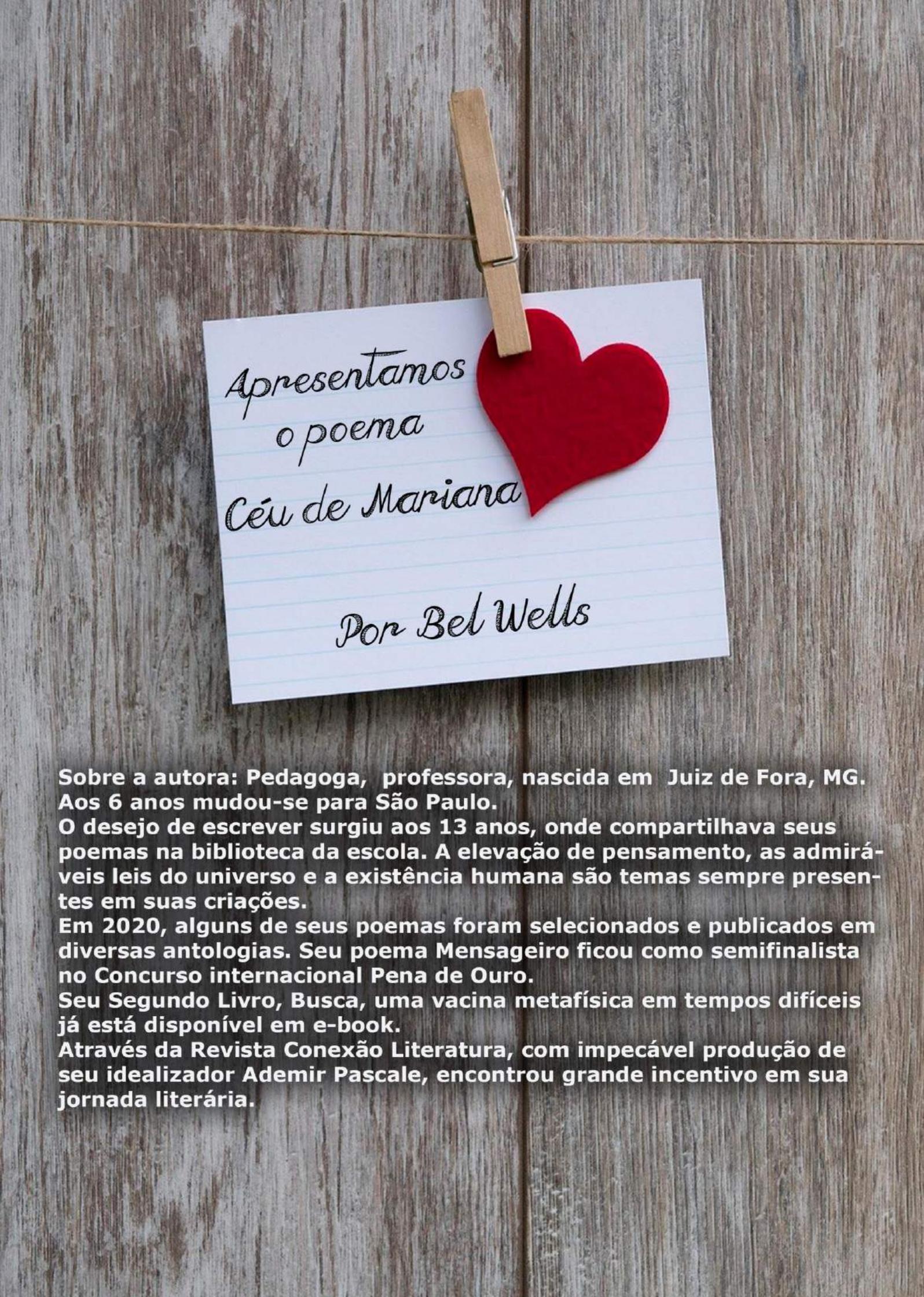
www.facebook.com/conexaoliteratura





“Amar não é olhar um para o outro, é olhar juntos na mesma direção.”

— Antoine de Saint-Exupéry



Apresentamos
o poema
Céu de Mariana

Por Bel Wells

Sobre a autora: Pedagoga, professora, nascida em Juiz de Fora, MG. Aos 6 anos mudou-se para São Paulo.

O desejo de escrever surgiu aos 13 anos, onde compartilhava seus poemas na biblioteca da escola. A elevação de pensamento, as admiráveis leis do universo e a existência humana são temas sempre presentes em suas criações.

Em 2020, alguns de seus poemas foram selecionados e publicados em diversas antologias. Seu poema Mensageiro ficou como semifinalista no Concurso internacional Pena de Ouro.

Seu Segundo Livro, Busca, uma vacina metafísica em tempos difíceis já está disponível em e-book.

Através da Revista Conexão Literatura, com impecável produção de seu idealizador Ademir Pascale, encontrou grande incentivo em sua jornada literária.

Existe um céu para os grandes amores

Para as mais doces Ternuras

Para as silenciosas flores

E, nas alturas da pátria celeste

As nuvens, das mais lindas memórias, vestem

Céu de um profundo azul, no tom do materno Amor

Ele te faz lembrar dos dias

Em que ouvias o sol se por...

Céu que me cobre de luz e um silêncio acolhedor emana

Sob essa imensidão perfeita vem a saudade que inflama

Céu de alguém que me faz falta

Seu nome é Céu de Mariana

No céu de Mariana, mil hortênsias azuis habitam

Elas florescem nas estrelas, que a chuva azul rega

Elas exalam toda graça que o perfume da gratidão, carrega.

No céu de Mariana, vive eternamente o encanto angelical

Lá as estações não passam, elas cantam num coral

No céu de Mariana, tem um quarto frio, um piano vazio

O vento pinta as hortênsias com um triste lamento

Mas o que é Divino, nunca passa, não apaga o tempo

Sob o céu de mariana, vivo cada dia

Tatuei em minhas poesias

Teu céu Mariana, é o meu templo!





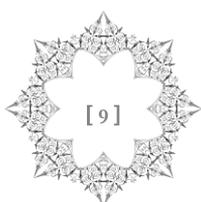
Apresentamos
o poema

Dança II

Por Bernardo Szpilman

Sobre o autor: Bernardo começou a ler e escrever com assíduo prazer durante a pandemia, e sobretudo a poesia. Gosta de cantar e compor versos no violão e tenta conciliar tudo às aulas de balé. Encontra-se assim nas artes, vindo das exatas, morou um pouco no Rio, é de Vitória, começou faculdades e não terminou nem uma.

Soberana imagem que perpetua a Luz,
Celestial ardente fogo sem igual,
Esplêndidos suores por outros jatos de Amor,
Jeté—aime—l'amour: anima e cuore,
peito aberto e corpo fechado,
lua e mar, ponta e tablado.





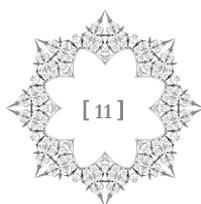
Apresentamos
o poema

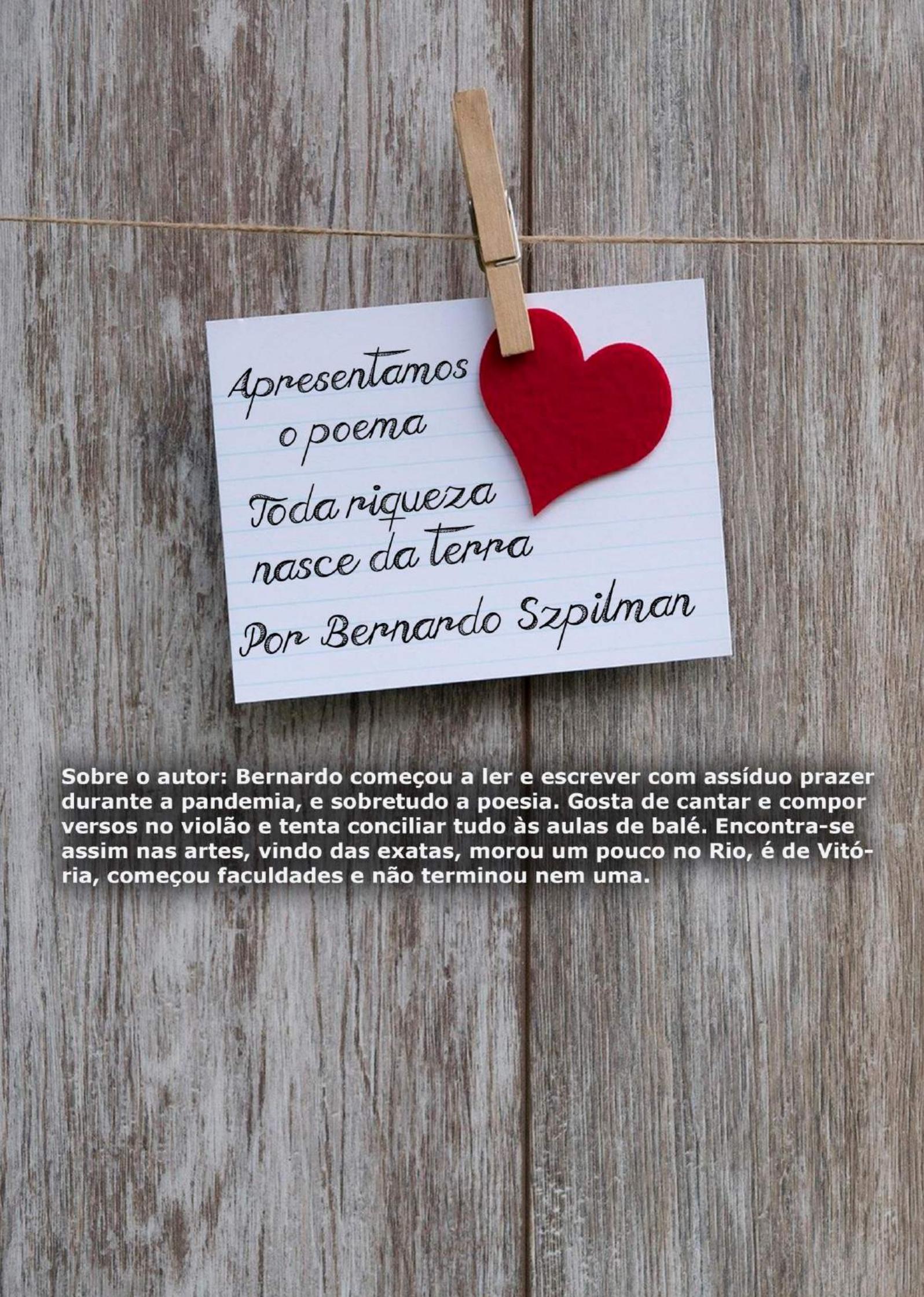
Sonho em
versos

Por Bernardo Szpilman

Sobre o autor: Bernardo começou a ler e escrever com assíduo prazer durante a pandemia, e sobretudo a poesia. Gosta de cantar e compor versos no violão e tenta conciliar tudo às aulas de balé. Encontra-se assim nas artes, vindo das exatas, morou um pouco no Rio, é de Vitória, começou faculdades e não terminou nem uma.

Se tentas esquecer o amor
logo te acorda de sonho,
como em sonho se percebe sonhar,
como a vida que procura viver —
do amor e dos exaltados sentidos
nas curvas de seu caminho não perecer
em profundo languor; e porque
esqueceria primavera a flor? ou não
aqueceria verão o calor; tal qual
aquece-me tu de teu seio fértil, e não
procuro outra coisa que possa o ânimo
satisfazer, eu me apoio unicamente
no calor—mas na verdade muito
mais queria, todos os desejos noturnos
que descubro e os lábios, taciturnos,
não sabem dizer, tímido em um
inconstante alvorecer, queria quase
tudo que pode-se escrever em poesia,
do concreto ao que parece com magia,
como o solitário passarinho na madrugada,
bonito de olhar e tão difícil de se ver.





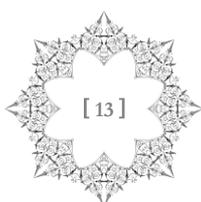
Apresentamos
o poema

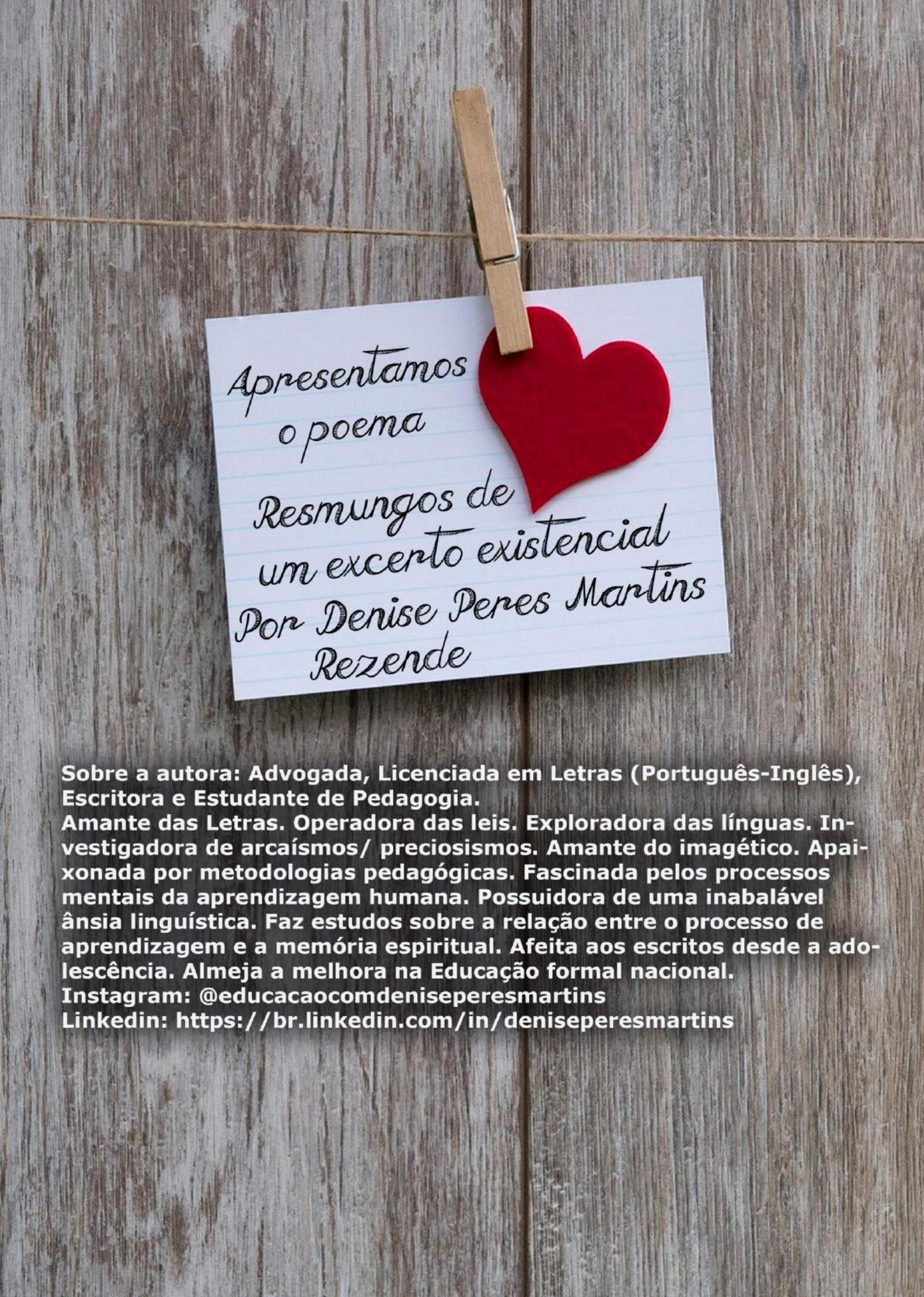
Toda riqueza
nasce da terra

Por Bernardo Szpilman

Sobre o autor: Bernardo começou a ler e escrever com assíduo prazer durante a pandemia, e sobretudo a poesia. Gosta de cantar e compor versos no violão e tenta conciliar tudo às aulas de balé. Encontra-se assim nas artes, vindo das exatas, morou um pouco no Rio, é de Vitória, começou faculdades e não terminou nem uma.

Imortal é o tesouro da terra,
belo como passeio de domingo
com pássaros a cantar, ilustre
de destino logo canta a terra toda
repleta a alma de esperança pelas
carícias do luar. Após um passeio
a mente anseia por tal destino e o
corpo lembra a felicidade contida
em um único raio de sol, tesouro
de uma terra abençoada. Tu, que
sentes o cheiro perfumado, podes
deliciar-te da calma luz do céu de
domingos, vês campos floridos em
teu coração, o ano todo! prepara-te
a terra de cores, foles e brilho os
mais lindos arranjos, e mais tenros.
E é a terra toda tesouro a ti, que por
navegante caminho almeja encontro
do mar—se acaso troveja o horizonte
é espelho de meu peito forte ainda a
palpitar a eterna novidade das ondas
do mar, belo banhando meus tesouros
da terra, imortalizado.





Apresentamos
o poema

Resmungos de
um excerto existencial
Por Denise Peres Martins
Rezende

Sobre a autora: Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês), Escritora e Estudante de Pedagogia.

Amante das Letras. Operadora das leis. Exploradora das línguas. Investigadora de arcaísmos/ preciosismos. Amante do imagético. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Possuidora de uma inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Afeita aos escritos desde a adolescência. Almeja a melhora na Educação formal nacional.

Instagram: @educacaocomdeniseperesmartins

Linkedin: <https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>

Era assim que Letícia Furtado de Albuquerque passava os seus dias.

Pela manhã sua aia lhe vestia com roupas finas, rendadas, bufantes e acetinadas, às quais lhe cobriam praticamente todo o corpo.

Em seguida, admirava obras de arte em sua residência. Aprendia a tocar um instrumento aqui e acolá.

Ademais, passava o resto de suas tardes sentada pensando na vida.

É despiendo dizer que poderia parecer uma vida vazia.

Mas, era assim a existência feminina na classe burguesa da época.

Impregnada de realismo, a vida era dissaborida e enfadonha.

Ela residia em uma casa decorada com esmero, assaz tradicional, com mobiliário, almofadas e obras de arte estrategicamente espalhadas.

Há quem dizia que ela era uma moça poltrona, e por esse motivo ainda estaria sozinha na casa dos 20 anos. Estaria ela delongas solteira? Conquanto, como acreditar nos alcoviteiros?

Há quem afirme que era uma jovem repleta de animosidade. Todavia, como o saber!

O fato é que ela estava interessada em um rapaz probo e simples de seu vilarejo.

Eles trocavam cartas de amor escondido por intermédio de sua criada. Essa troca era realizada cheia de comedimento.

Seus pais desconheciam esse romance, e se o soubessem providenciariam o fim do mesmo.

Afinal, certamente ela se casaria com um rapaz abastado e ínclito. O dote já vinha sendo guardado há anos.

Enquanto ela lia a carta de seu amor, seu pai surgiu no cômodo repentinamente com um pintor chamado Rodolfo Amoedo.

Explicou-lhe que Rodolfo faria uma obra sua, a ser exposta na galeria de arte da cidade, onde haveria imagens de outras moças solteiras.

E seu pai acrescentou: - *Quem sabe assim você consegue um pretendente minha filha?* (completando com uma risada atemorizante)

— *Más notícias* (ela pensou).

Impende salientar que aos seus olhos isso mais parecia uma feira, onde os ascendentes não passavam de rufiões.

Ela se sentou em uma cadeira confortável, amassou a carta discretamente com a mão direita, e apoiou seu rosto na mão esquerda.

Neste diapasão, o pintor começou a trabalhar em sua tela.

O olhar da donzela era assertivo e um pouco desafiador. Quiçá lancinada por estar fadada a um destino indesejado. Talvez aturdida com a insistência de seu genitor.

Era uma mistura de letargia com entorpecimento.

Ela parecia almejar estar alhures, ao lado de seu paladino.

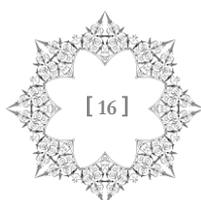
Não se pode olvidar que seu escopo era ser feliz. Não queria um destino funesto.

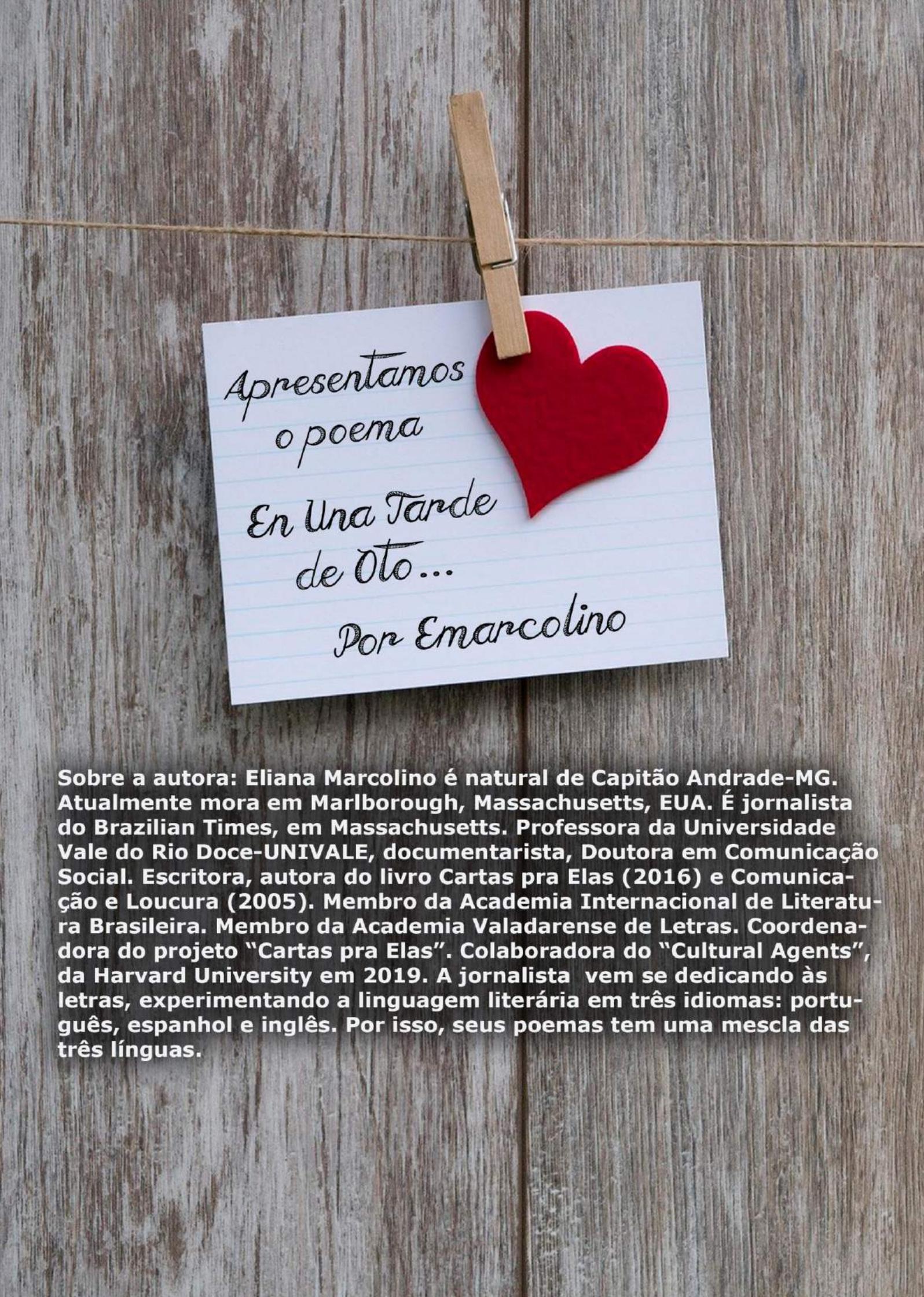
A obra ficou pronta e o pintor retirou-se. Era imodesta e imagética.

E seu destino seguiu farto de elegia. Um porvir ao lado do seu amado parecia uma quimera.

Destarte, ela ficou a aguardar o próximo excerto de sua existência, resmungando sentada no sofá enquanto planejava a intentona.

OBSERVAÇÃO: poema inspirado na obra de arte de 1895, intitulada “MÁS NOTÍCIAS”, do pintor brasileiro RODOLFO AMOEDO.





Apresentamos
o poema

En Una Tarde
de Oto...

Por Emarcolino

Sobre a autora: Eliana Marcolino é natural de Capitão Andrade-MG. Atualmente mora em Marlborough, Massachusetts, EUA. É jornalista do Brazilian Times, em Massachusetts. Professora da Universidade Vale do Rio Doce-UNIVALE, documentarista, Doutora em Comunicação Social. Escritora, autora do livro Cartas pra Elas (2016) e Comunicação e Loucura (2005). Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Membro da Academia Valadarense de Letras. Coordenadora do projeto "Cartas pra Elas". Colaboradora do "Cultural Agents", da Harvard University em 2019. A jornalista vem se dedicando às letras, experimentando a linguagem literária em três idiomas: português, espanhol e inglês. Por isso, seus poemas tem uma mescla das três línguas.

Em uma tarde de outono, meu coração muda o ritmo e toca acelerado

É sábado!

Yes, a beautiful autumn Saturday...

Os ventos sopram delicadamente as folhas multicores que bailam no ar.

Neste mesmo instante, o avião que vem da costa oeste dos Estados Unidos reduz a velocidade e, repentinamente, anuncia a sua chegada.

O sol brilha, mas é irônico. Dá um sorriso sarcástico ao presenciar a minha tentativa em sair para a rua com trajes leves, de vestido, aquele que gosto de usar.

Está frio, me vem um arrepio, preciso me agasalhar.

I'm feeling very bored!

Que tédio! Tenho que usar jaquetas, luvas, calça, meias, botas, até um cachecol. Tanta roupa me faz sentir engessada. Sufoca a minha sensualidade, minha leveza no andar e a forma mais espontânea de me expressar.

That's ok!

Fui para o lugar combinado, tudo minimamente pensado onde iria te encontrar.

Bem de longe, avistei um belo sorriso, que me era muito familiar. Apressei os passos, uma vontade louca de abraçar!

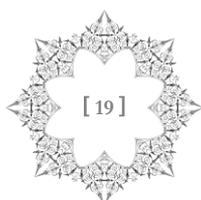
Ali mesmo na rua, ele correu para me pegar...

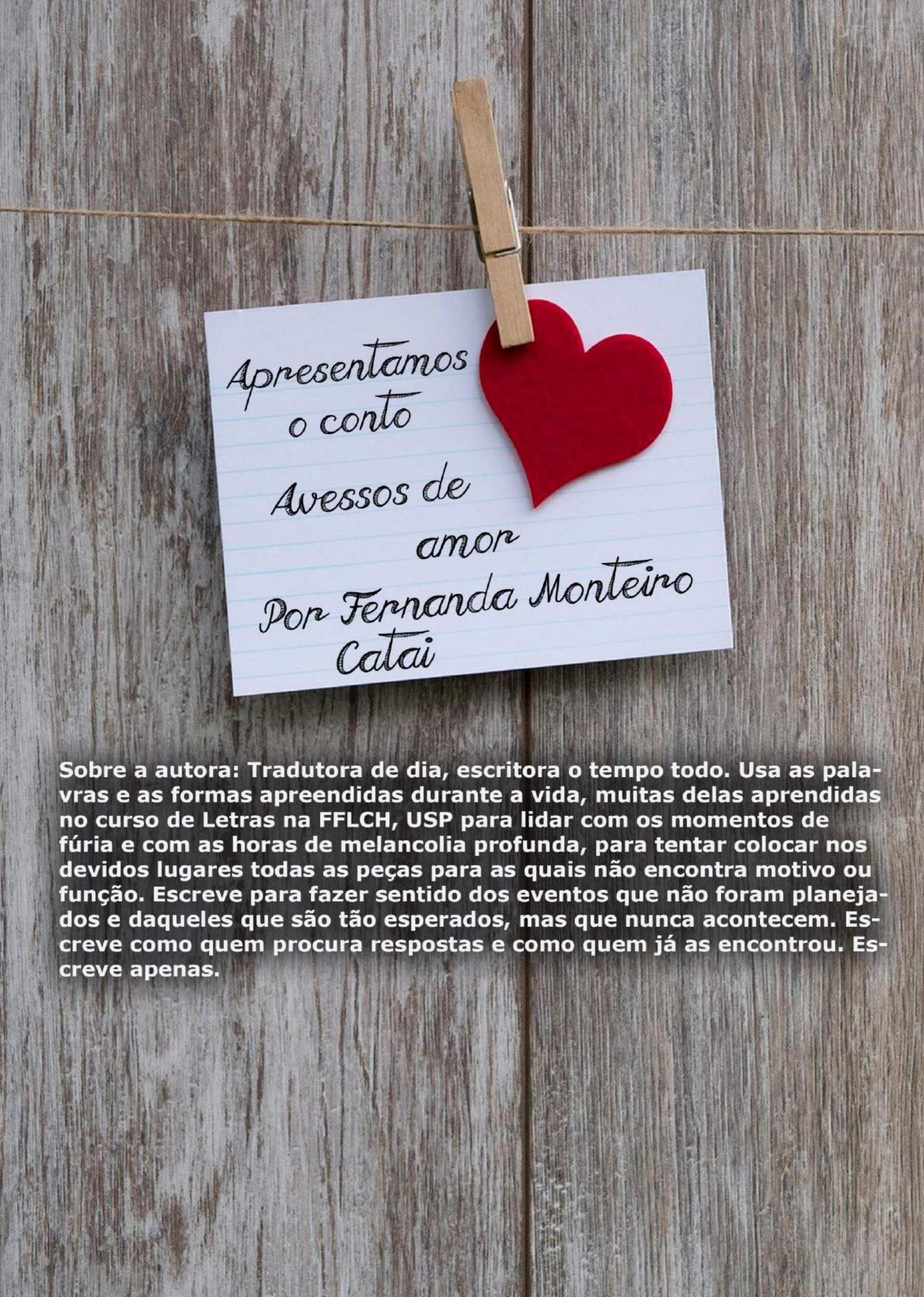
Despi-me dos medos e da censura social, fechei os olhos para o mundo e abri a minha alma em um beijo dulce y caliente. Senti seus lábios tocar os meus num gesto tão poético, que me levou ao céu.

Cuando abrí los ojos estaba en la habitación del hotel, ese beso se convirtió en algo sobrecogedor, más caliente, más salvaje, envolvente, volví a cerrar los ojos porque en verdad no quería ver nada más que a ti...

Aos poucos, senti as camadas de roupas fugirem do meu corpo. Em segundos, estava completamente nua. Arrepiei-me, mas um corpo quente novamente veio me abraçar.

Fechei os olhos... uma vontade louca de amar. Sem censura! Podes adentrar no corpo meu, que, agora, também é seu...





Apresentamos
o conto

Avessos de
amor

Por Fernanda Monteiro
Catai

Sobre a autora: Tradutora de dia, escritora o tempo todo. Usa as palavras e as formas apreendidas durante a vida, muitas delas aprendidas no curso de Letras na FFLCH, USP para lidar com os momentos de fúria e com as horas de melancolia profunda, para tentar colocar nos devidos lugares todas as peças para as quais não encontra motivo ou função. Escreve para fazer sentido dos eventos que não foram planejados e daqueles que são tão esperados, mas que nunca acontecem. Escreve como quem procura respostas e como quem já as encontrou. Escreve apenas.

Ele a abraçou por trás e foi afastando o corpo dela da pia, curvando-o para frente até que ela ajoelhasse no chão da cozinha. Mesmo com a sensação desconfortável de peso e do frio sobre o qual ela se rendeu, ela sentiu uma espécie de alívio, porque ele tinha enfim voltado.

Dessa vez, ele havia se ausentado a tarde toda, apesar de ter permanecido na companhia dela em uma praia afastada, quase sem banhistas naquele mês de despedida de um calor incontornável e da chegada de um frio antecipado azul claro. A intenção não era ficar estirado na areia, deixando o sol marcar a pele, mas apenas descansar da semana de trabalho e vivenciar a natureza. Eles haviam estado juntos o tempo todo, sem muita conversa, a despeito das tentativas de aproximação e compreensão do silêncio repentino. Ele, sentado na canga desenhada com elefantes indianos, o corpo voltado para o mar, olhava para a água quase que sem se mexer; balançava a cabeça vez em quando, dando sinal de que ouvia as frases soltas da companheira. Mas não respondia. Parado ali, do jeito que ele estava, os pelos do corpo eriçados com o vento frio, parecia que considerava as vantagens e desvantagens de alguma pendência importante, um impasse visceral. E não respondia. Ela insistiu e o convidou mais uma vez para um mergulho:

— Vamos, nem deve estar tão fria assim. E, de mais a mais, você já está com frio aqui fora. Vem?

— Não quero. Vai você.

Ela pegou o celular da bolsa vermelha impermeável, tirou uma foto do companheiro – mais uma para a coleção, dessa vez, de perfil – guardou o aparelho, se levantou e foi em direção à água. Sentiu medo por deixá-lo ali, sozinho, exatamente como ele queria estar. Sozinho. Ela não se virou para olhar. Só sentiu medo e continuou caminhando. Foi entrando devagarinho, deixando que o líquido gelado e a inquietação invadissem todos os seus espaços. Afundou e voltou à superfície; sacudiu a cabeça como quem afasta uma previsão catastrófica e dolorida, respirou profundo e se voltou para procurá-lo. Ele, agora de pé, olhava em volta, observando o pouco movimento do local, indiferente ao afastamento dela.

O que eu vim fazer aqui?

O frio e a apreensão que reverberavam no corpo inteiro a fizeram voltar logo. Ela caminhou até ele, abriu as pernas e sentou no seu colo, sem aconchego nem carinho, e pediu socorro num abraço aterrorizado.

Ele retribuiu como quem faz um favor a contragosto.

Ela não se conteve e perguntou, ensopada de angústia:

— O que houve, meu bem?

Me diz, o que você espera de mim? Me diz o que você quer, que eu te dou.

— Não houve nada. Senta aqui do meu lado. Você tá gelada. Quer comer alguma coisa?

Ela fez o que o companheiro pediu: sentou ao lado dele e bateu de leve os dedos da mão esquerda entre os seios, como ela fazia desde o começo, e perguntou:

— Quer deitar em mim?

Ele fez que não com a cabeça e continuou olhando para o mar. Ela passeou os olhos pela praia, tentando encontrar o que estaria fora do lugar. Não enxergou nada.

Ele mantinha o olhar fixo, isolado numa espécie de universo paralelo, afastado dela e do amor que ele declarava em particular, com um certo carinho e atenção, quando estavam apenas os dois — nunca em público, nunca perto de pessoas estranhas à dinâmica que eles haviam instituído e que alimentavam diariamente, no silêncio da casa apartada do movimento da cidade, longe dos olhos da gente que só julga e critica as formas alheias de amar.

Eu sei que você está se decidindo.

As ausências dele, perceptíveis desde sempre e cada vez mais frequentes, a atormentavam. Ela não sabia lidar com o que supunha ser falta de confiança para contar o que se passava. Mas confiança é coisa que se estabelece aos poucos — uma ponte que se constrói enquanto se atravessa, e não fazia tanto tempo assim que eles estavam juntos. Talvez fosse apenas o período de adaptação pós mudança, talvez fosse saudade da família. O trabalho andava bem, disso ela sabia, porque ele comentava sobre as reuniões e os projetos dos quais ele participava. Mas melhor mesmo seria evitar conjecturas. Ele se considerava uma pessoa reservada. E de fato, nem tudo precisa ser dito, nem tudo precisa ser confessado. Talvez a dificuldade fosse essa: ela precisaria apenas respeitar aqueles momentos de solitude e dar espaço ao companheiro. O que quer que fosse, provavelmente chegaria a hora em que ele voluntariamente compartilharia o motivo do seu emudecimento sazonal.

Eu sei que você está decidindo. Você vai me mandar embora? Me diz, quantas vezes mais isso vai acontecer?

A tarde passou molhada de um desassossego viscoso e dolorido, daquele tipo que não se dissolve nem com a água salgada do mar, sempre tão generoso, se oferecendo para curar as feridas humanas de todo gênero. Ela se aquietou e esperou que ele voltasse, como nas outras vezes.

Você vai voltar.

E quando ele voltasse, ela o receberia de corpo aberto; ela o aceitaria em todos os instantes em que ele viesse, todas as vezes em que ele resolvesse que, por ora, ela e todo o suprimento de amor ofertado eram suficientes, pelo menos enquanto durasse a doença do mundo e a vida normal continuasse em suspenso, amordaçada, naquela situação precária disfarçada de melhor coisa que poderia ter acontecido para ambos.

Não tenho mais pra te oferecer. Meu amor ainda te basta?

Verdade que o convite para morarem juntos tinha carecido de convicção; verdade que, mesmo perguntado à exaustão, ele nunca havia sido claro sobre o que esperava da união abrupta e inusitada. Ela tinha aceitado o pedido incerto, porque, no fim das contas, quem pode ter certeza de alguma coisa? E, fosse diferente, ele certamente teria dito que não antes de deixar que ela interrompesse a rotina solitária mas confortável para estar junto dele, para que eles pudessem tentar uma existência inédita. Agora, com a situação já consolidada, ia ser difícil voltar atrás sem causar tanto estrago.

E agora? Por que você não contou que não me queria? O que você tinha em mente? O que você quer de mim? Me conta, que eu te dou.

E como quem vira uma chave, desliga um interruptor, como quem desata um nó incômodo e temporário, ele voltou. No final da tarde, eles percorreram o caminho de casa de mãos dadas, conversando sobre besteiras desimportantes. Ele deixou os chinelos sujos de areia ao lado do portão, entrou e foi procurar o que comer na geladeira.

— Estou com fome. Vamos tomar um lanche e deixar o jantar pra bem mais tarde?

— Pode ser. Vou fazer um café pra gente.

Ela se apoiou na pia para alcançar a cafeteira. Ele a abraçou por trás e foi envergando o corpo dela, até que ela ajoelhasse no chão gelado da cozinha.

— Vem cá. Vem, deita aqui. — e se estendeu por cima dela. Não tirou sequer uma peça de roupa do lugar – talvez pela urgência da vontade, talvez para poupá-la do frio, que aumentava enquanto anoitecia.

Não deu tempo. Ela até quis dizer que assim não, que o chão estava muito frio, que a cólica não tinha dado trégua o dia todo, que ela preferia tomar um banho primeiro. Não. Não falou nada. Afinal, ela precisava recebê-lo de volta; ela precisava abrigar o corpo dele depois de mais um episódio de recolhimento.

Uma hora dessas você não volta mais.

Ela aquiesceu, acolheu o retorno do companheiro e esperou.

Vem, fica. Pode ficar até quando você quiser. Eu fico até quando você me quiser.

Enquanto ele pulsava solitário, soltando o peso do corpo sobre ela, ela olhava para o piso branco da cozinha e projetava as imagens que ficaram irreconhecíveis, borradas pela água salgada e pelo medo que atravessou os seus pensamentos o dia inteiro. Agora, ela podia ver. Agora, com ele dentro dela, presente, era seguro enxergar as três meninas que vieram tagarelas, os biquinis, os chapéus, as cangas coloridas e a pouca idade acumulada nos corpos quase perfeitos, quase nus — quase dele. Ela havia visto o rosto dele transparecer outro sentimento; percebeu o amor declarado apenas entre eles se esvaír frente a outras possibilidades – tantas, que faziam com que o afeto dado de graça, sem pedir em troca, se apequenasse e fosse reduzido a um quase nada. A suficiência dela havia terminado. Ela aceitou silenciosa o desejo imenso, transferido, que não pertencia mais a ela.

Ele gozou; se sentou, puxou ela pelo braço e a colocou sentada. Ela passou uma das mãos pelo rosto delicado do companheiro, se despedindo de antemão. Ele não reparou no tamanho da tristeza que escorria dos olhos dela; deu um tapa leve em um dos seus peitos cobertos pela camiseta húmida e disse:

— Vamos assistir alguma coisa até a hora do jantar? Vem, quero deitar em você.

Ela se levantou, pegou o papel toalha que estava na bancada e limpou o chão manchado de sangue e esperma enquanto ele servia o café e resmungava a letra de uma música ouvida no caminho de casa:

“You don’t make a sound. Heartbreak was never so loud.”

Ele havia voltado e isso era o que importava.





Apresentamos
o poema

Reencontro

Por Flávia Prata

Sobre a autora: Flávia Prata é uma profissional da saúde, mas também apaixonada pelas palavras e pelo ser humano. Mãe, esposa, cirurgiã dentista que encontrou na escrita uma forma de expressar suas ideias, pensamentos e sentimentos e de compreender melhor a si mesma e o mundo que a cerca.

Depois de 25 anos elas se reencontraram!

Benditas sejam as redes sociais que permitem os reencontros e a proximidade, superando a distância física.

Tudo começou com uma troca de mensagens, lembrando os tempos em que uma era a aluna e a outra, a professora num curso de pós-graduação de uma Universidade Federal.

E bastaram poucas palavras trocadas pelo aplicativo para que os laços se restabelecessem, e mais que isso, para que as afinidades e gostos viessem à tona.

E quanta coisa em comum havia entre elas...

A profissão escolhida, o gosto por moda, os interesses políticos, a religião, algumas semelhanças físicas e até o interesse por astrologia. Aliás os signos das duas eram os mais compatíveis do zodíaco.

As conversas virtuais tornaram-se um alento e uma válvula de escape para os dias turbulentos que viviam. Em plena pandemia, enquanto a regra era isolamento físico, elas aproximaram os corações. Em dias de máscaras cobrindo os rostos, as almas foram expostas pela cumplicidade.

Descartaram os títulos, aluna e professora. Tornaram-se amigas.

Após alguns meses de conversas diárias, finalmente o primeiro encontro.

Numa tarde de domingo chuvoso, a que um dia fora a professora, tornava-se agora a anfitriã.

Esperou à porta e sorriu dando boas vindas. Sorrisos, uma certa reserva e muita curiosidade. Afinal o que esperar daquela visita inusitada...?

A ex-aluna sorriu de volta, um tanto tímida. Nas mãos um terço e uma Bíblia, como um mimo para marcar aquele reencontro. No peito, um misto de ansiedade, alegria e timidez.

Em questão de instantes as reservas de uma caíram por terra e a curiosidade se desfez. A timidez da outra ficou esquecida lá fora.

Se uma era falante, a outra não ficava para trás.

E conversaram!

Uma conversa acompanhada de café fresco, pão de queijo quentinho e bolo de coco.

Relembrou pessoas conhecidas, falaram de filhos, família, profissão. Falaram de si!

Trocaram ideias, fizeram projetos.

Não se sabe se conversaram por três minutos ou por três horas. Gostar tem disso, a gente não vê o tempo passar. Quando se sente bem, o tempo não é medido em minutos, mas sim em nível de encantamento e felicidade que proporciona.

Esse foi o primeiro encontro de tantos outros e veio para consolidar uma amizade recheada de trocas, confissões, sintonia e muita afinidade.

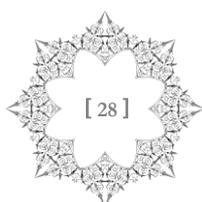
E no aconchego daquela sala de jantar, entre conversas, sorrisos e café, a amizade foi selada.

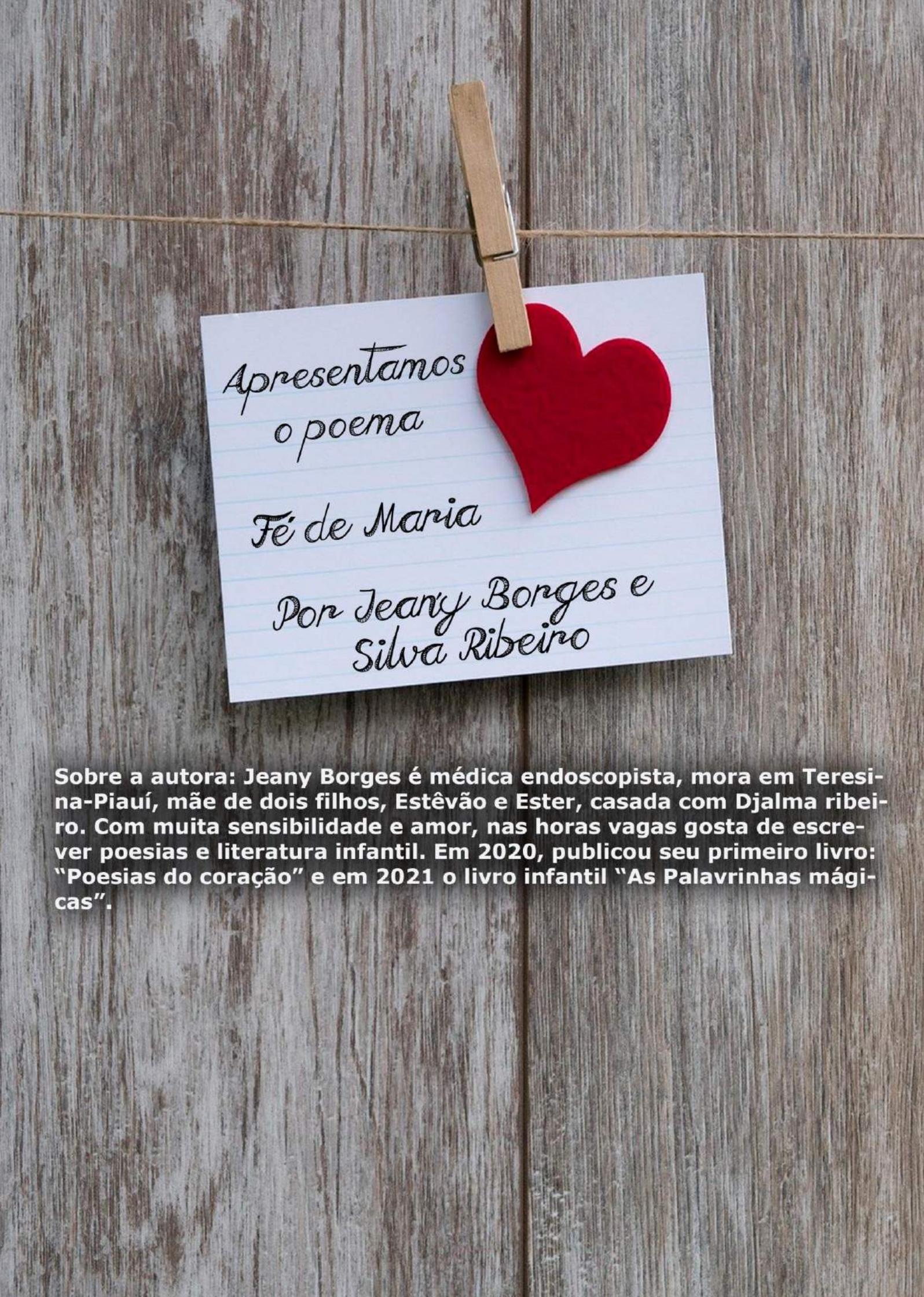
A despedida foi permeada de alegria por aquele reencontro e marcada pelas promessas de novos encontros.

Um dia a aluna quis rever a professora. Em instantes descobriram-se amigas. Amigas de almas. Amigas irmãs.

E assim elas seguiram, entre uma troca de mensagens e outra, uma viagem para um novo encontro. Entre conselhos, confissões e conversas sérias, muitas risadas e uma leveza sem igual.

E como o tempo é aliado do bem querer, o que as duas mais desejam é que essa amizade seja eternizada.





Apresentamos
o poema

Fé de Maria

Por Jeany Borges e
Silva Ribeiro

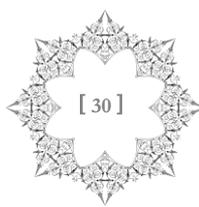
Sobre a autora: Jeany Borges é médica endoscopista, mora em Teresina-Piauí, mãe de dois filhos, Estêvão e Ester, casada com Djalma ribeiro. Com muita sensibilidade e amor, nas horas vagas gosta de escrever poesias e literatura infantil. Em 2020, publicou seu primeiro livro: "Poesias do coração" e em 2021 o livro infantil "As Palavrinhas mágicas".

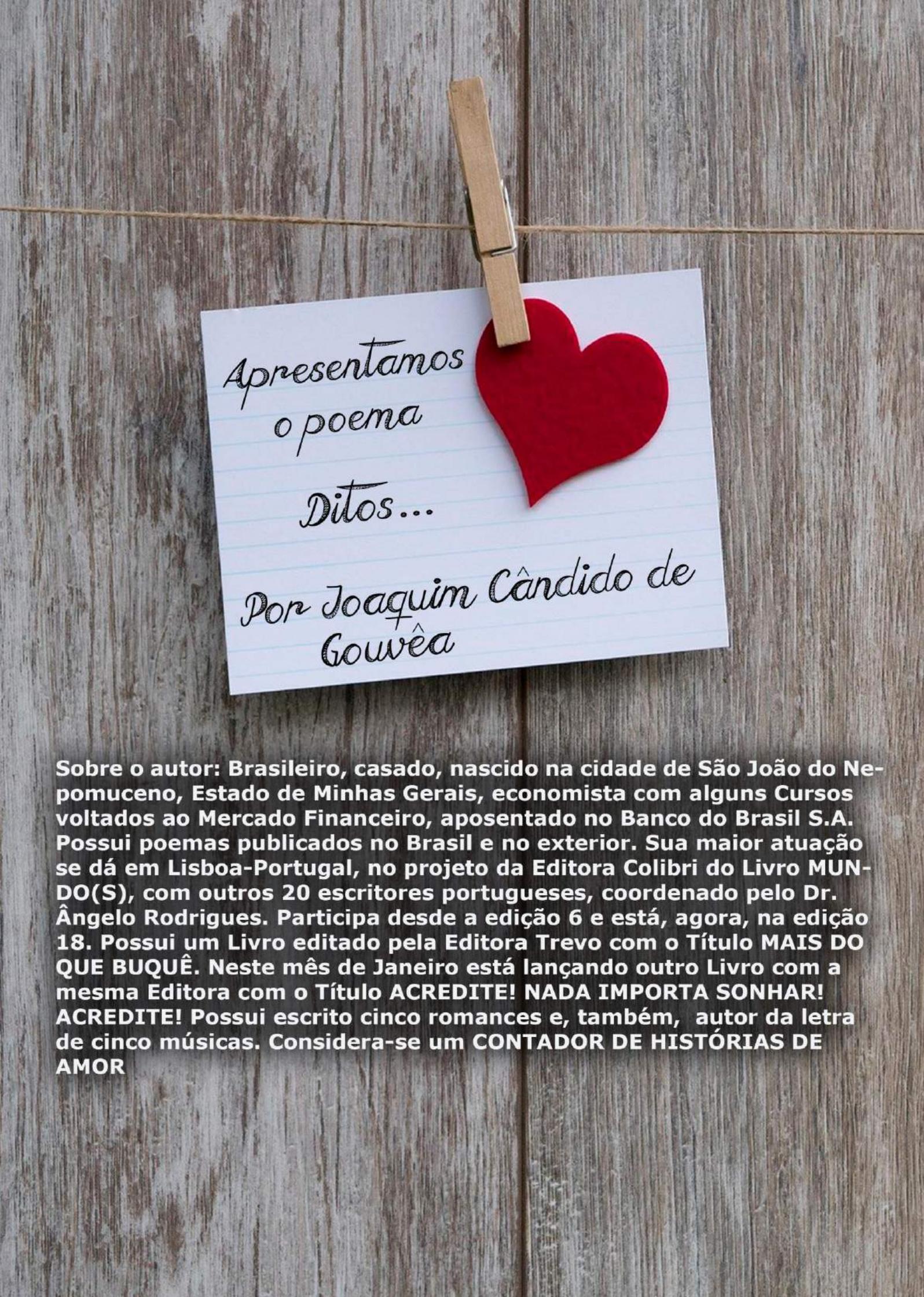
Com apenas 12 anos de vida terrena
Ela recebeu a anunciação do anjo
Essa jovem e simples nazarena
Tinha muita fé, sem nenhum esbanjo

Quem nos dera ter um pouquinho da sua fé!
Do tamanho de um grão de mostarda,
Como disse Jesus de Nazaré.
Quem confia no Senhor aguarda!

Ah a fé de Maria...
Não tem como descrever!!
Um espírito de luz milenar
Ensinando-nos nessa terra viver

Gratidão minha mãe por seu sim
Gratidão por seu benquerer
Gratidão por sua intercessão
E por sua fé nos ensinar a crescer!





Apresentamos
o poema

Ditos...

Por Joaquim Cândido de
Gouvêa

Sobre o autor: Brasileiro, casado, nascido na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, economista com alguns Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A. Possui poemas publicados no Brasil e no exterior. Sua maior atuação se dá em Lisboa-Portugal, no projeto da Editora Colibri do Livro MUNDO(S), com outros 20 escritores portugueses, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues. Participa desde a edição 6 e está, agora, na edição 18. Possui um Livro editado pela Editora Trevo com o Título MAIS DO QUE BUQUÊ. Neste mês de Janeiro está lançando outro Livro com a mesma Editora com o Título ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE! Possui escrito cinco romances e, também, autor da letra de cinco músicas. Considera-se um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR

“Primaveras”

Tragam flores para mim
Mesmo que não sejam tão belas
Mas, como flor, capaz de mudar meu humor... enfim

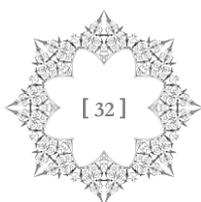
Feliz estou por esse “Inverno” terminando
Que conseguiu afetar no coração o que pode rasgar
Nos profundos arranhados algo levou a sangrar
Sem outra opção, deixou-me chorando

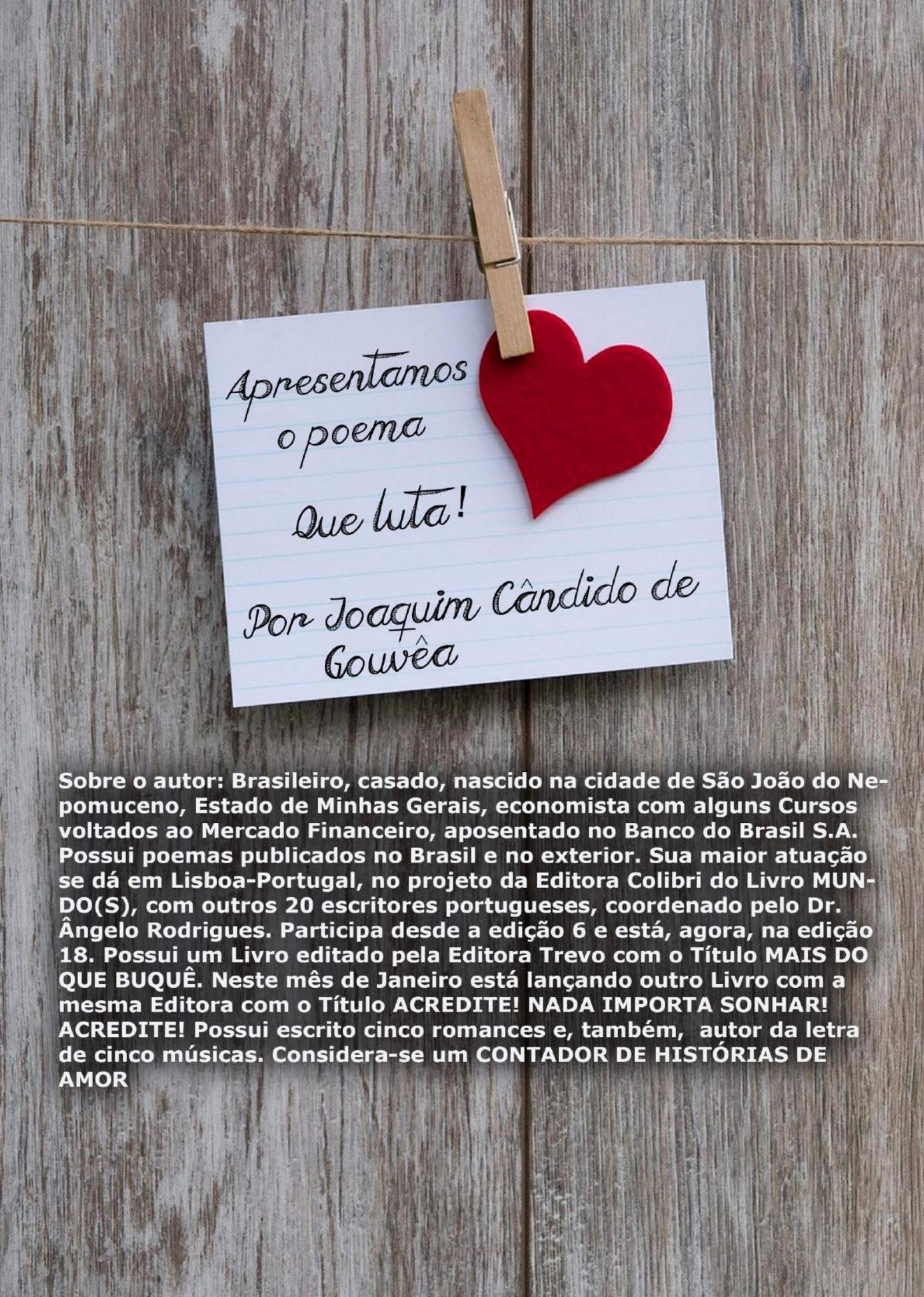
Alternativa encontrada, correr pelo Jardim das Flores
A nenhuma escolher, todas, verdadeiros amores
Por intuição colher a mais colorida
A cobrir a “flor”, tão perto de mim, quase esquecida

Ah! “Primaveras”! Com esse espírito, tentarei me recuperar
Desgastado me sinto por infinda saudade
Da falha, bem sei agora que amor é para se amar
Torná-lo forte banhado de pura verdade

Na ocasião, ao “seu” chegar
O coração saberá me avisar
Ao sentir pela brisa, pelo ar, o raro e delicioso perfumar
Posto que, contente, com carinho, o então inspirar

“Ditos” versos, não conjugarei o “quem dera”
A você sorridente aparecer
Somente momentos como a “Primavera”
Para meu único e total amor restabelecer





Apresentamos
o poema

Que luta!

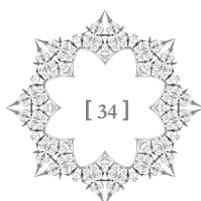
Por Joaquim Cândido de
Gouvêa

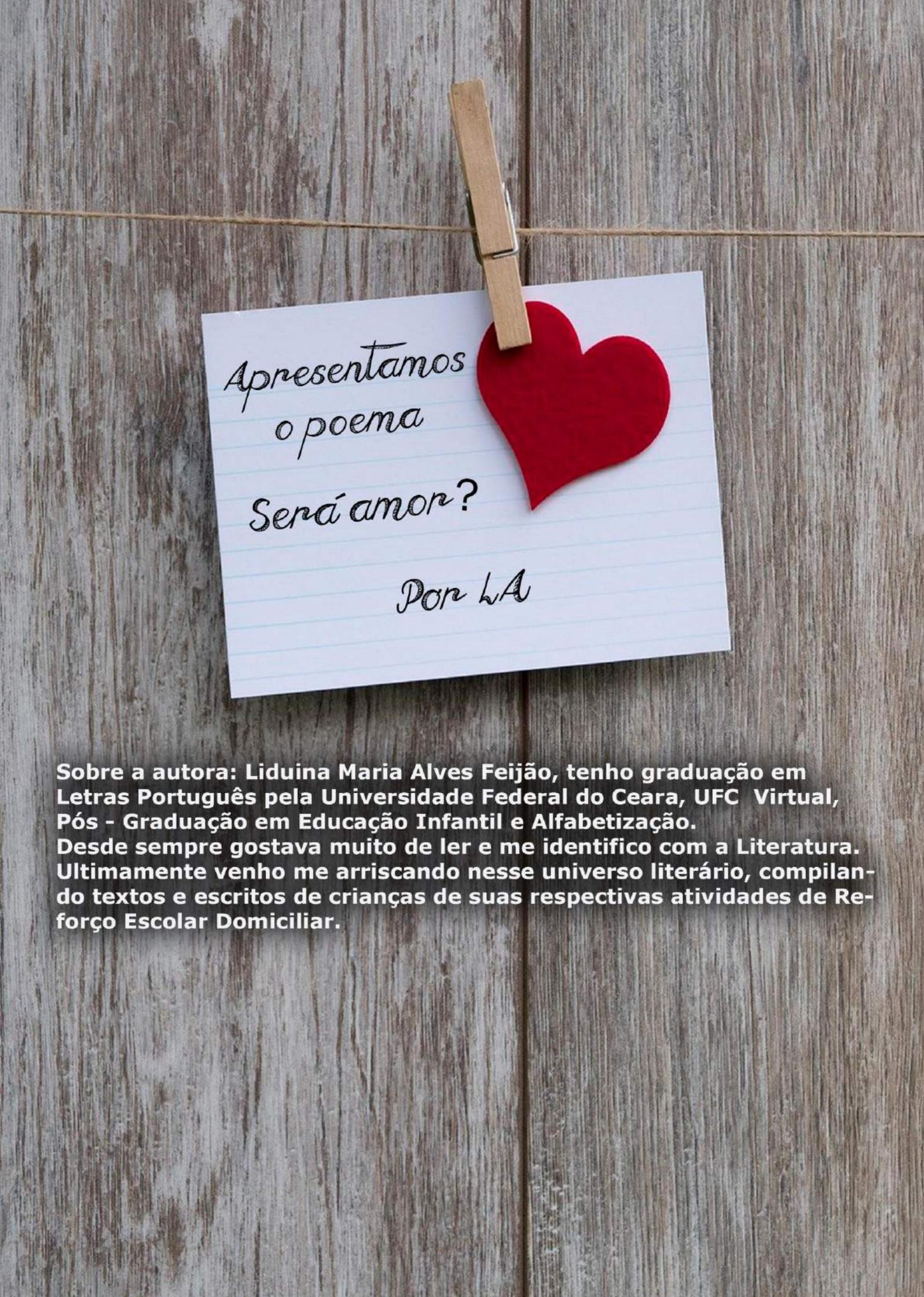
Sobre o autor: Brasileiro, casado, nascido na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, economista com alguns Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A. Possui poemas publicados no Brasil e no exterior. Sua maior atuação se dá em Lisboa-Portugal, no projeto da Editora Colibri do Livro MUNDO(S), com outros 20 escritores portugueses, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues. Participa desde a edição 6 e está, agora, na edição 18. Possui um Livro editado pela Editora Trevo com o Título MAIS DO QUE BUQUÊ. Neste mês de Janeiro está lançando outro Livro com a mesma Editora com o Título ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE! Possui escrito cinco romances e, também, autor da letra de cinco músicas. Considera-se um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR

Poemas fogem correndo
Mas, graças! Sonetos ficam!
Saltitam
Como anjos a me socorrer
A estar vivendo
Mesmo chorando
Clamando por nova vida
Pela perda da imaginada querida

Ah! Eu? Eu sorrio... mesmo com em um sorriso pequeno
Fingindo
Posto que, por vontade, estar chorando
Partindo
A outro lugar
Encontrar outro alguém
Que saiba me amar
E, do resultado, estar sereno

Súbito! Clamo pela poesia
Para que me acuda
E, nessa ajuda
Dos poemas, nova intuição
Pois sonetos socorrem ao meu coração
Abraçados (bem forte) pela clamada poesia
Fazendo-me sentir no novo amanhecer, outro dia
E o amor, como sempre a bela flor, retornando com a força do alazão





Apresentamos
o poema

Será amor?

Por LA

Sobre a autora: Liduina Maria Alves Feijão, tenho graduação em Letras Português pela Universidade Federal do Ceará, UFC Virtual, Pós - Graduação em Educação Infantil e Alfabetização. Desde sempre gostava muito de ler e me identifico com a Literatura. Ultimamente venho me arriscando nesse universo literário, compilando textos e escritos de crianças de suas respectivas atividades de Reforço Escolar Domiciliar.

O amor e aquilo que não passa despercebido.

Uma conversa a dois, um bom dia, um riso fácil.

O amor enfeita nossos dias de luz, nossos olhos ficam mais vivos,

Ele e como uma taca de espumante cheia, que transborda e borda,

Borda ilusões, borda suposições, borda inspirações.

Mas, o amor e também frágil, pois a qualquer sinal de negligencia,

Ele se encolhe, se fecha, se cala, porque amor só tem realmente graça

Se fizera-se amado.

Amor também e medo,

Medo de não dar certo, medo de não ser suficiente,

Medo ate mesmo de ser acontecimento.

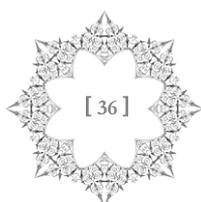
Amor e tempo dedicado, e admiração

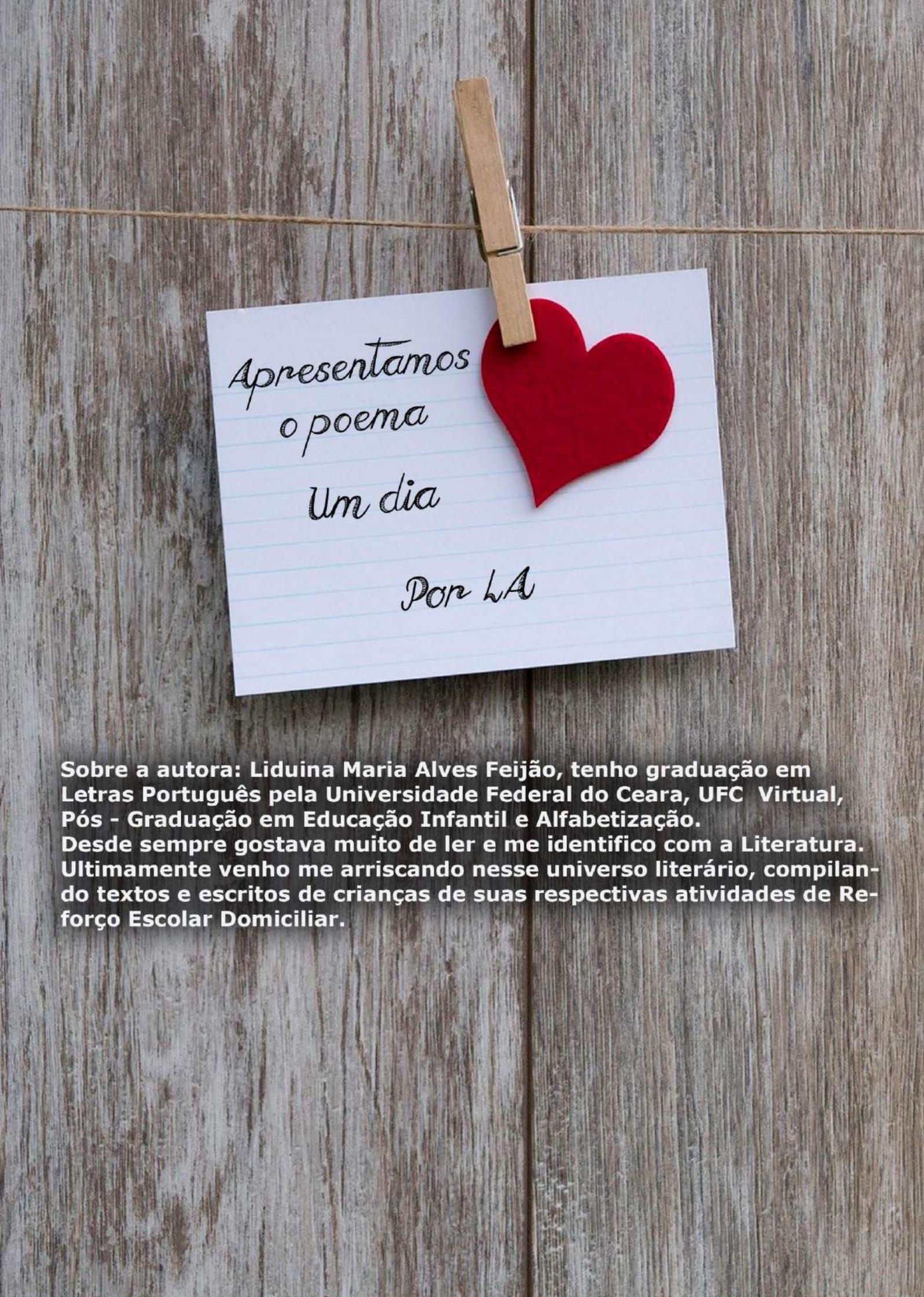
Amor e tempo que não passa,

E sono que não chega, e ternura e compaixão.

Enfim, o amor e aquela parte doce e feliz que as pessoas tem.

Amor não precisa ter, basta ser.





Apresentamos
o poema

Um dia

Por LA

Sobre a autora: Liduina Maria Alves Feijão, tenho graduação em Letras Português pela Universidade Federal do Ceará, UFC Virtual, Pós - Graduação em Educação Infantil e Alfabetização. Desde sempre gostava muito de ler e me identifico com a Literatura. Ultimamente venho me arriscando nesse universo literário, compilando textos e escritos de crianças de suas respectivas atividades de Reforço Escolar Domiciliar.

Todos nos um dia passamos pela experiência de amar.

Tem amores leves, simples, sem muitas complicações.

Tem amores fluidos, que são escorregadios.

Tem amores pacíficos que enchem a nossa alma de paz.

Tem amores vazios, que nos jogam no abismo.

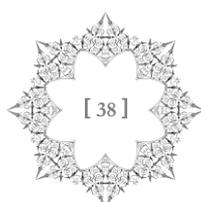
Tem amores cegos, que ignoram a razão.

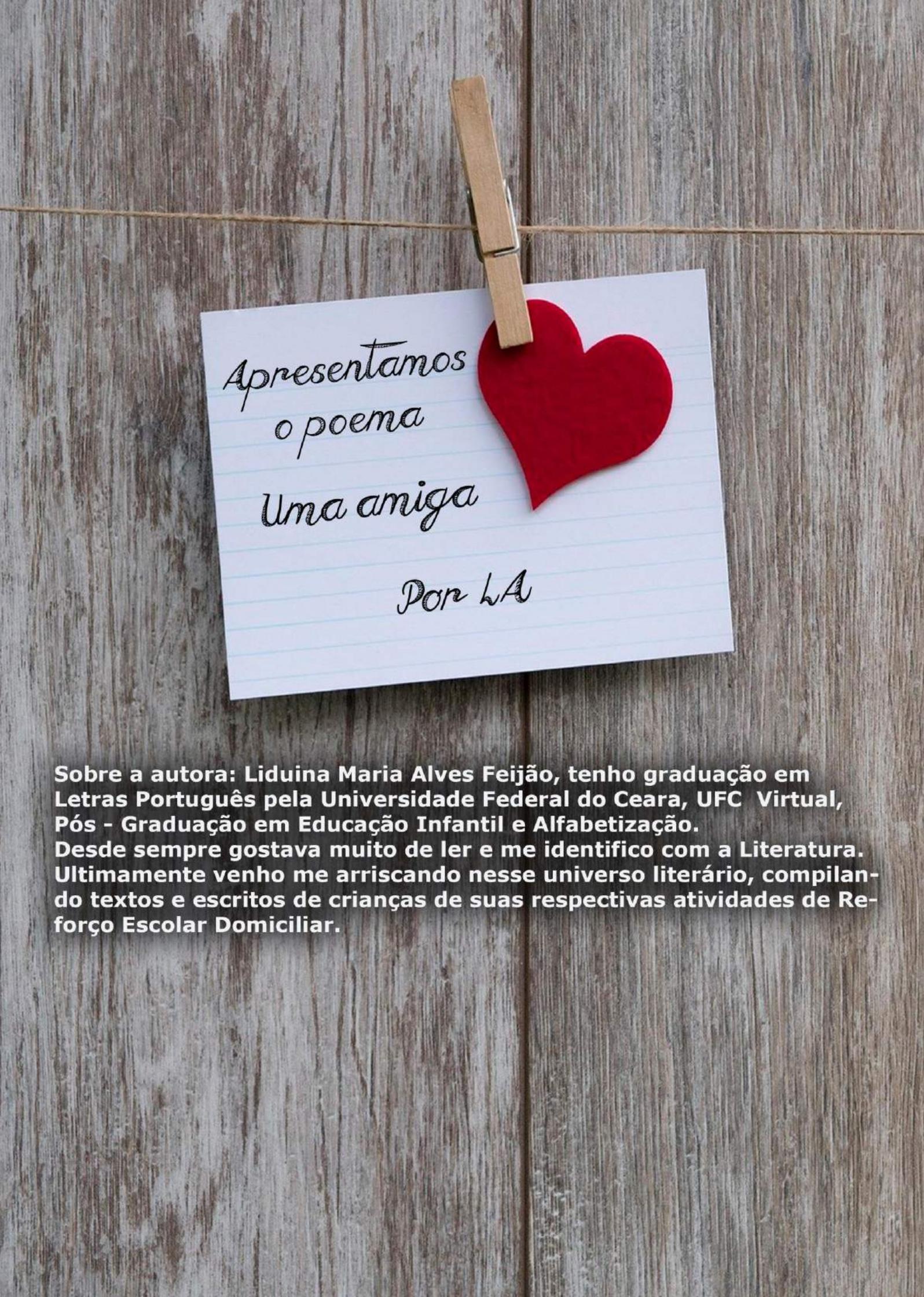
Tem amores rápidos, que não nos deixam lembranças.

Ah!, mas tem amores acolhedores, que são como verdadeiros ninhos.

Tem amores que de tão perfeitos, nem chegam a ser amores de fato.

E apenas uma ilusão criada por nossa imaginação.





Apresentamos
o poema

Uma amiga

Por LA

Sobre a autora: Liduina Maria Alves Feijão, tenho graduação em Letras Português pela Universidade Federal do Ceara, UFC Virtual, Pós - Graduação em Educação Infantil e Alfabetização. Desde sempre gostava muito de ler e me identifico com a Literatura. Ultimamente venho me arriscando nesse universo literário, compilando textos e escritos de crianças de suas respectivas atividades de Reforço Escolar Domiciliar.

Hoje acordei mais cedo, pois iria ver uma amiga.

Não uma simples amiga de ultima hora, mas uma amiga presente,

Uma amiga dedicada,

Dedicada a ouvir e entender, Entender e compartilhar.

Compartilhar aquilo que ha de melhor e mais humano,

Seja um café, um chá, uma sopa quentinha,

E ou mesmo longas horas de conversas jogadas fora.

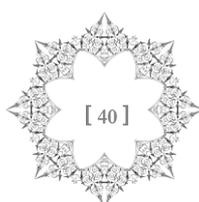
Uma amiga que acredita, que incentiva, que ri.

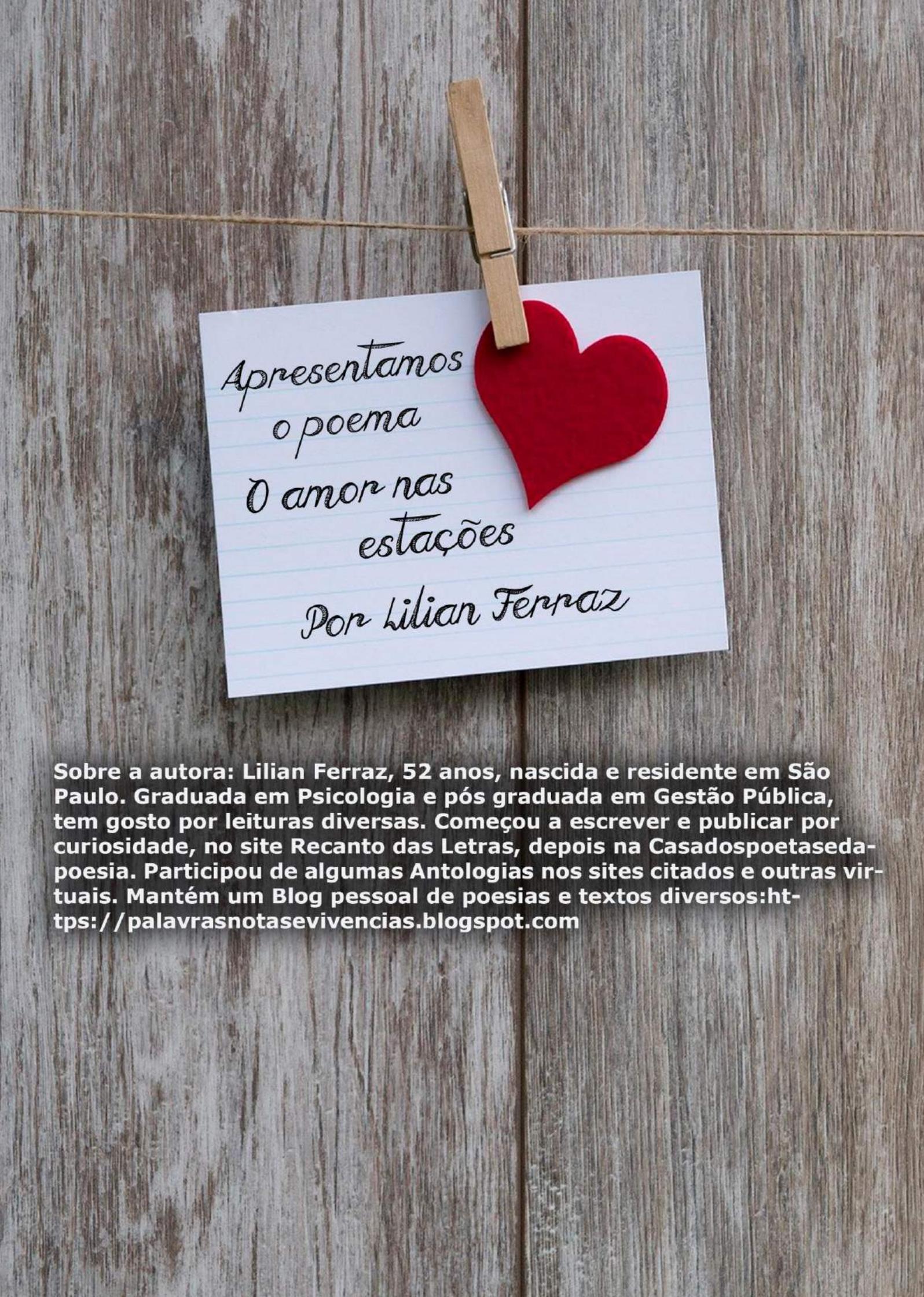
Neste dia amiga, quero lhe dizer que sua amizade e importante,

E que sempre lembrarei com gratidão de sua pessoa.

Obrigada por ser essa pessoa amiga e generosa,

Porque afinal, doar um pouco do nosso tempo para alguém, já e um gesto de bondade.





Apresentamos
o poema

O amor nas
estações

Por Lilian Ferraz

Sobre a autora: Lilian Ferraz, 52 anos, nascida e residente em São Paulo. Graduada em Psicologia e pós graduada em Gestão Pública, tem gosto por leituras diversas. Começou a escrever e publicar por curiosidade, no site Recanto das Letras, depois na Casadospoetaseda-poesia. Participou de algumas Antologias nos sites citados e outras virtuais. Mantém um Blog pessoal de poesias e textos diversos: <https://palavrasnotasevivencias.blogspot.com>

Ah! como é bom vivenciar
esse tempo onde o amor impera.
Saborear os eflúvios suaves
dessa doce e festiva primavera.

O prelúdio de uma nova estação
anunciando o abrasivo verão,
em que os corações enamorados
ficam ardorosos e animados.

E depois vem o outono
dourado, cativante e acolhedor;
trazendo a leveza e a calma
que o amor na poesia recria.

No inverno, nos aconchegamos.
Quentura de corpos acendem
a chama do viver que sonhamos;
em todas as estações, nos amamos.





Apresentamos
o conto

Memórias

Por Monaliza Nunes

Sobre a autora: Autora de três livros, Monaliza Nunes sempre amou a escrita e a forma como as palavras são capazes de criar novos mundos e ressignificar os sentimentos. É uma cearense que vive em São Paulo, cursa direito e dedica seu tempo livre ao marido e aos livros.

Eu sempre pensei que poderia tocar a lua, penso sorrindo e imagino que as doses a mais que tomei estão começando a fazer efeito. Olho ao redor e por uma fração de segundos percebo que talvez a vida tenha mais sentido do que eu imaginava. Estou aqui, em uma noite quente de verão em São Paulo e começo a me sentir parte de algo, finalmente. A noite está abafada e o bar ao meu redor está repleto de pessoas sorrindo, presas em seus mundinhos particulares, ao fundo está tocando Belchior o que faz com que eu me sinta adolescente de novo, mas nada disso tem muita importância, porque estou presa aos olhos do Júnior, o que me faz voltar a ideia de que *eu poderia tocar a lua*.

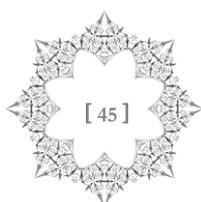
Eu me apaixonei por ele dois segundos depois de nos conhecermos, de alguma forma o meu corpo reagia ao dele como se fôssemos parte de uma só matéria e naquela noite não estava sendo diferente. O barzinho em que estávamos ficava escondido na zona sul de São Paulo, sempre amei as noites de verão e as infinitas possibilidades que elas traziam, como se de alguma forma entre o anoitecer e o amanhecer eu pudesse mudar os rumos da minha vida.

— Acho que está na hora de irmos embora — Júnior diz sorrindo.

A chuva do lado de fora caí impiedosamente e me aventuro indo em direção a ela, começo a rir enquanto sinto os pingos de chuva caírem pelo meu corpo, a água gelada descendo pela minha pele me faz voltar, mesmo que por alguns segundos, as minhas tardes da infância. Júnior observa a cena com um sorriso, remexendo em suas mãos a chave do carro, tranquilo em sua posição de espectador.

A cidade ao meu redor se mostra como uma sábia mulher, que sabe de muitas coisas, mas que prefere manter segredo daquilo que viu. E eu, me sinto uma menina novamente, uma adolescente cheia de sonhos e desejos. Tenho a impressão de ouvir Belchior ao fundo, mas não sei se é a música alta demais ou apenas minhas memórias aflorando novamente. É um daqueles momentos em que eu gostaria de ter uma câmera para fotografar a forma como vejo o mundo, ao mesmo tempo sinto que a foto não seria fiel ao momento em si. A forma como os pingos d'água caem sincronizadamente, as luzes amareladas dos postes deixam o Júnior com aquele olhar misterioso de quando o vi pela primeira vez e enquanto o encarro o observo sussurrar: *a lua sempre pensou que*

poderia tocar em você também. Mas não consigo dizer o quanto dessa memória é real, embora goste de pensar que tudo aconteceu da maneira como me lembro.





Apresentamos
o poema

Garota da
lavanderia

Por Natália Franco

Sobre a autora: Uma garota apaixonada por palavras desde a infância que ama escrever sobre o amor. Uma romântica sonhadora. Estudante de letras e autora do Romance "A ordem do Herdeiro" disponível na Amazon e no clube dos autores.

Minha mãe
Sempre me obrigou
A seguir regras
Achava que assim,
Seria mais fácil se cumprir metas
Por isso sempre me proibiu
De namorar
E eu obedecia,
Até aquele dia
Em que durante uma correria nela eu esbarrei
E de espuma me encharquei,
Com belos olhos verdes
Ela me pediu desculpa
Eu ri e ela tentou me limpar
E teve que em meu rosto tocar
Sua pele era tão macia,
E seu olhar...
E aí conversamos
A tarde inteira sem parar,
E entre conversas
Mesmo não tendo experiência,
Eu percebi
Que ela era a certa para mim
Será que de algum jeito,
minha mãe entenderia
Se eu contasse que me apaixonei
Pela garota da lavanderia.





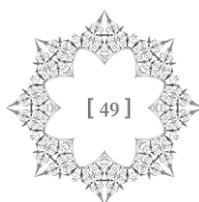
Apresentamos
o poema

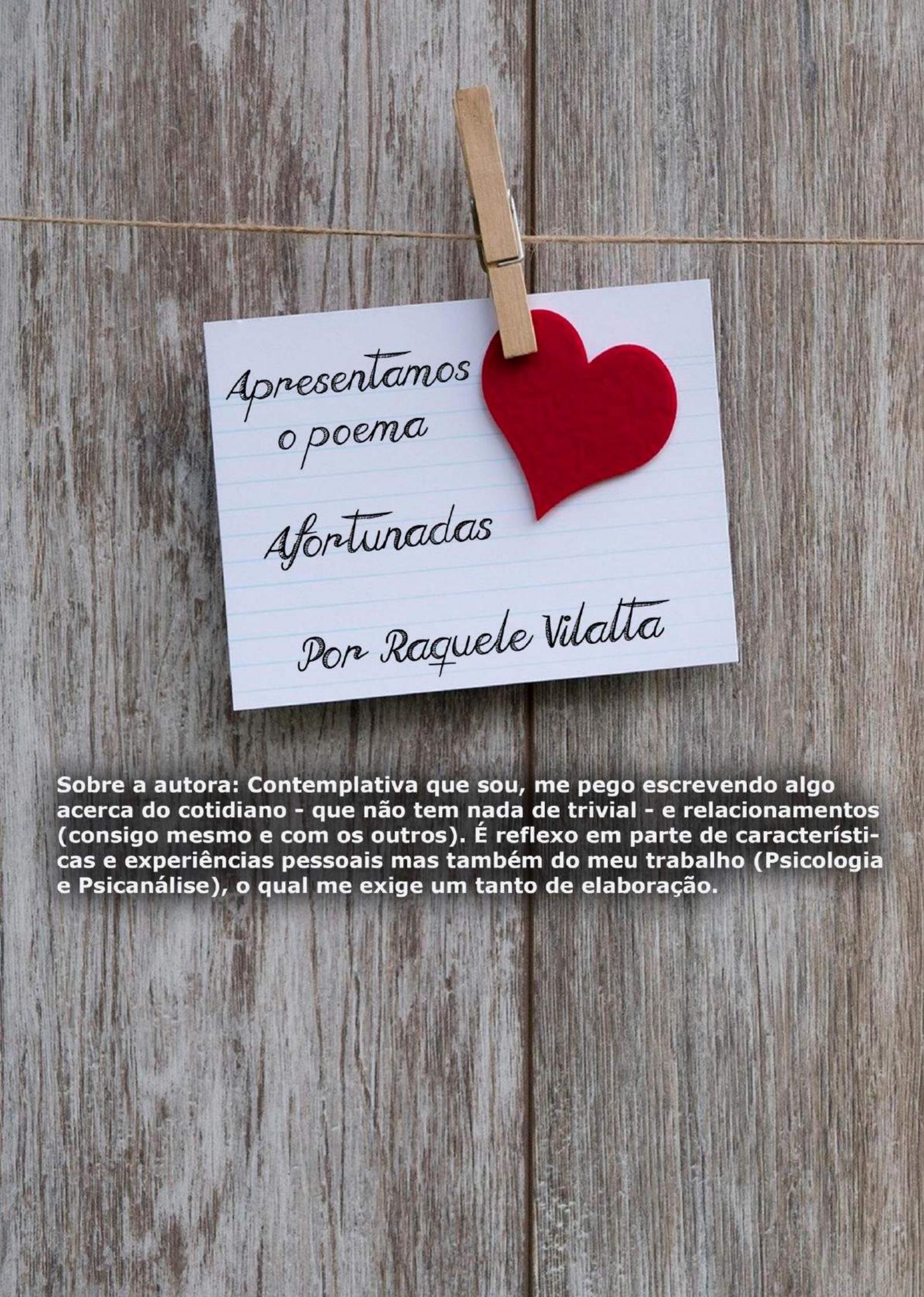
O garoto
vestido de detetive

Por Natália Franco

Sobre a autora: Uma garota apaixonada por palavras desde a infância que ama escrever sobre o amor. Uma romântica sonhadora. Estudante de letras e autora do Romance "A ordem do Herdeiro" disponível na Amazon e no clube dos autores.

Naquela festa a fantasia,
Eu achava que não teria
Nenhuma alegria
Olhei em volta
E não vi nenhum rosto conhecido
Eu teria ido embora
Se você não tivesse aparecido
Com aquela lupa,
e um sorriso descontraído
Estava do outro lado do salão
Mas eu não me contive
E fui até o garoto
Vestido de detetive
Que nenhum caso
Desvendou
Mas sem esforço
O coração dessa garota
Conquistou.





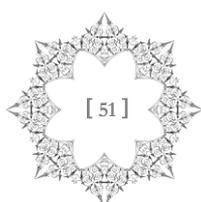
Apresentamos
o poema

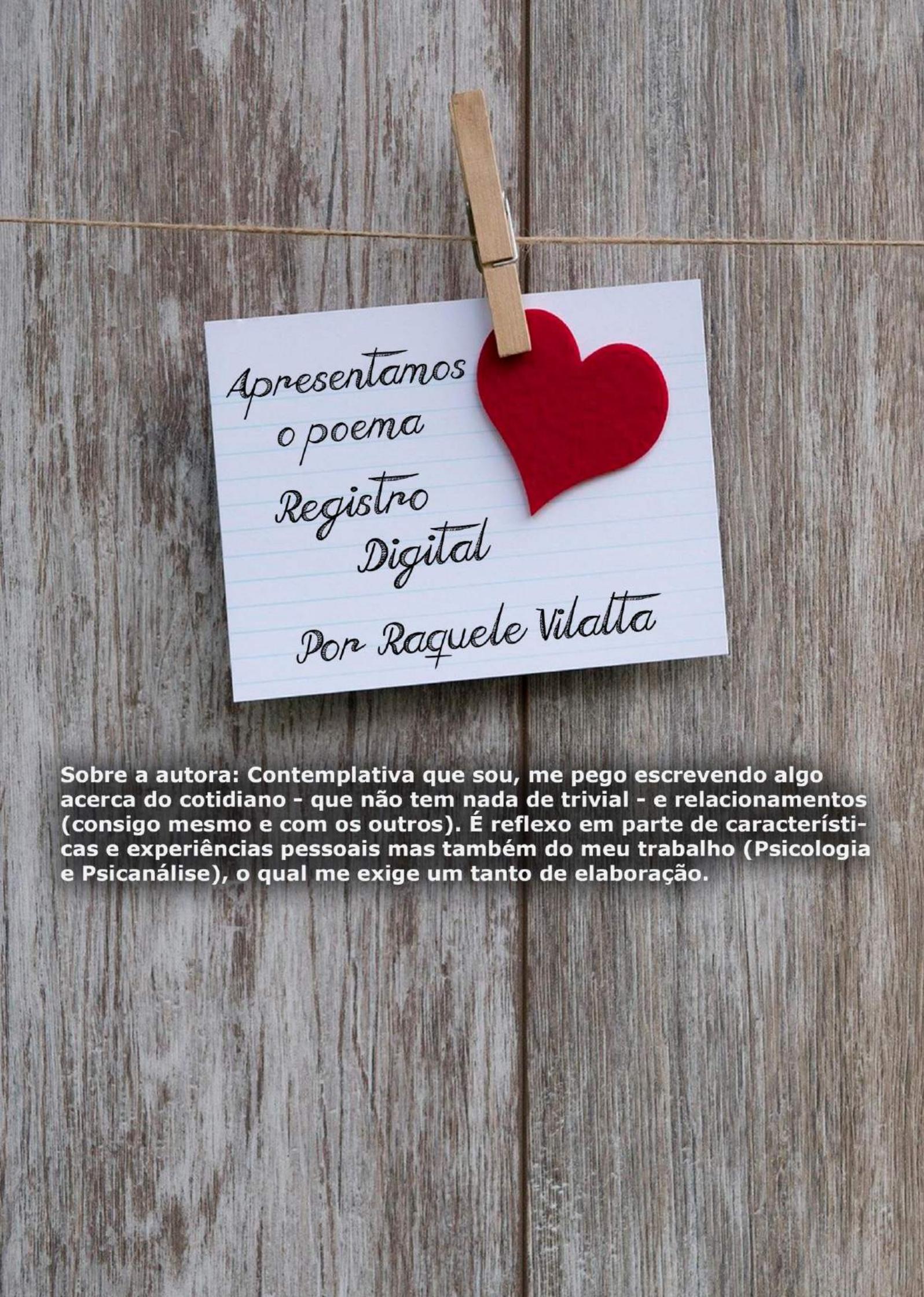
Afortunadas

Por Raquele Vilatta

Sobre a autora: Contemplativa que sou, me pego escrevendo algo acerca do cotidiano - que não tem nada de trivial - e relacionamentos (consigo mesmo e com os outros). É reflexo em parte de características e experiências pessoais mas também do meu trabalho (Psicologia e Psicanálise), o qual me exige um tanto de elaboração.

Quando pude contar com o colo de origem, quando pairavam notícias de maus ventos, brisa quente que deixa rastro de suor colado na pele difícil de se livrar, a amada irmã com sua espontaneidade e leveza me disse em seguida: vou bordar aquele desenho para você, que tal essa paleta? E eu cá, com os olhos marejados, me pego pensando como as linhas de seus bordados, que se tornam extensão de suas mãos firmes e delicadas ao mesmo tempo, podem me presentear com muito mais do que a costura concreta. Porque as costuras serão extensão das mãos amenas, dos meticulosos dedos a costurar. A costura que nos uniu; a linha que arremata sem prender, que faz laço sem dar nó; esse colo em que pude falar da brisa quente, que se alarga com a linha, mas contornou nossas vidas em bordados "inadjetiváveis" . E que justamente por isso - se não só isso - me contornam e costuram e arrematam pra poder novamente sentir o frescor de brisas mais suaves do que as de outrora.”





Apresentamos
o poema

Registro
Digital

Por Raquele Vilatta

Sobre a autora: Contemplativa que sou, me pego escrevendo algo acerca do cotidiano - que não tem nada de trivial - e relacionamentos (consigo mesmo e com os outros). É reflexo em parte de características e experiências pessoais mas também do meu trabalho (Psicologia e Psicanálise), o qual me exige um tanto de elaboração.

Certa feita registrei em digital aquele a quem amo.

Estava este homem subindo os degraus de uma ladeira.

Fitou-me no exato momento do registro.

Estava diante de mim:

um convite pra se desbordar,

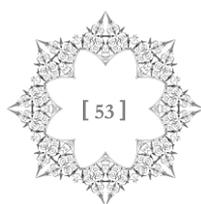
um caminho a se percorrer,

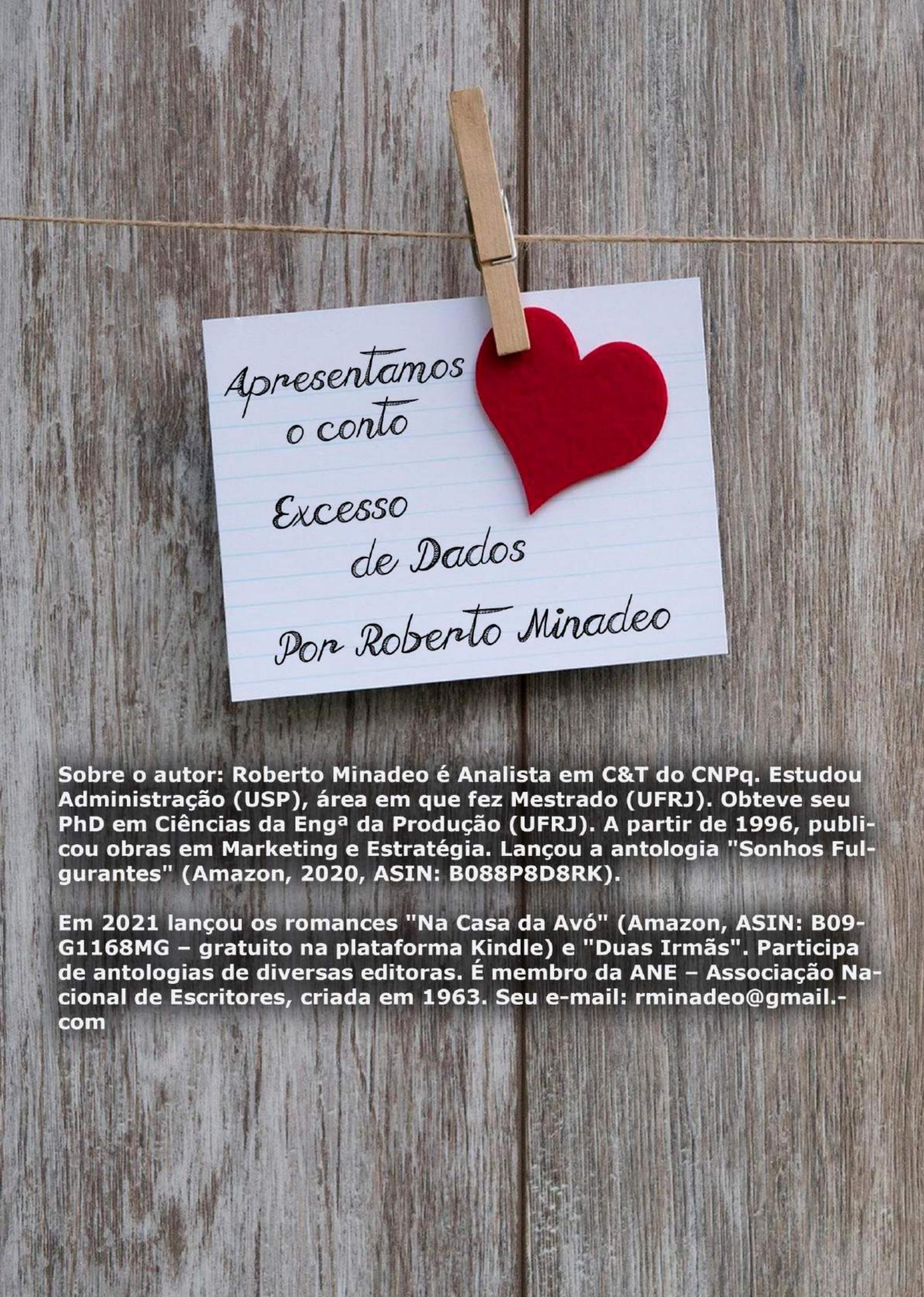
experiências para saborear,

aventuras para se arriscar,

um sorriso para temperar

e uma companhia para se derreter - e depois se serenar.





Apresentamos
o conto

Excesso
de Dados

Por Roberto Minadeo

Sobre o autor: Roberto Minadeo é Analista em C&T do CNPq. Estudou Administração (USP), área em que fez Mestrado (UFRJ). Obteve seu PhD em Ciências da Eng^a da Produção (UFRJ). A partir de 1996, publicou obras em Marketing e Estratégia. Lançou a antologia "Sonhos Fulgurantes" (Amazon, 2020, ASIN: B088P8D8RK).

Em 2021 lançou os romances "Na Casa da Avó" (Amazon, ASIN: B09-G1168MG – gratuito na plataforma Kindle) e "Duas Irmãs". Participa de antologias de diversas editoras. É membro da ANE – Associação Nacional de Escritores, criada em 1963. Seu e-mail: rminadeo@gmail.com

Recebo a fatura do cartão de crédito. Faço uma conferência. Gostaria de ser milionário e dispensar essa chatice, deixando que a secretária pagasse tudo.

Tenho a satisfação de estar quase concluindo a conferência, e, de repente, vejo uma despesa da qual não me recordo. O primeiro impulso é falar com o pessoal do cartão, mas a preguiça é sempre uma força a ser considerada: seriam uns quinze minutos de conversa, no mínimo, com o pessoal do *call center*.

É um gasto enorme em um restaurante há mais de um mês. Ao ver o nome da companhia na internet, surgem inúmeros dados inúteis: nome e CPF dos sócios, CNPJ e localização das várias lojas com o mesmo nome.

E daí? Como resolver o problema? Em outras palavras, para refrescar minha pobre memória, eu gostaria da fachada da loja visitada. A abundância cibernética consiste em uma oferta ilimitada de dados, suficiente para fazer com que qualquer um se perca em análises inúteis.

Chego à conclusão de que não há outro remédio: preciso deixar de almoçar amanhã, visitar esse belíssimo endereço, conferir se de fato almocei em um dia o equivalente a metade do que ganho em um suadíssimo mês de trabalho.

Ao chegar ao local, vejo que o restaurante é interessante, bacana e localizado em meio à riqueza. Basta olhar de longe para que eu me assegure de jamais ter adentrado em tal locação. Imagine a vergonha: entrar e perguntar alguma coisa, somente para saber se fui cliente desse recanto do paraíso na terra!

Tive uma ideia: conferir o cardápio. Se for predominantemente de massas, estou na dieta que apenas permite proteínas. Se for vegano, direi que se trata de uma proposta interessante, embora ainda não seja a minha escolha. Se for eclético e variado, direi preferir casas especializadas. Se for minimalista, direi estar morrendo de fome, e, portanto, atrás de um prato muito succulento.

Dito e feito. A casa é incrível. A decoração supera a de todo e qualquer restaurante que já vi nos melhores filmes. O cardápio é maravilhoso. Mas tudo isso é nada perto de uma coisa indispensável: o cheiro. Até um nariz não cultivado como o meu consegue captar a existência de azeites, queijos, ervas finas, carnes... Enfim, o paraíso abriu uma sucursal a apenas alguns quilômetros de minha residência. Certamente eu jamais fora a tal lugar antes.

Uma garçonete vem me servir. Que beleza incrível, que uniforme, que sorriso! E tudo isso vem embalado em uma grande simplicidade: não se trata daquela representação artificial, cheirando a modelo-de-capa-de-revista.

Ela pergunta se espero alguém. Gesticulo que se trata da segunda opção. Vem outra pergunta, sobre se prefiro um ambiente interno ou o terraço, mais ventilado. Prefiro o ar livre. Sou conduzido à melhor mesa para duas pessoas. Uma das cadeiras é retirada.

Ao me sentar, faço uma contemplação das demais mesas, e percebo o quão seletivo é o público. É uma honra que eu possa ser elencado ao lado de tanta gente elegante. Um conjunto de moças maravilhosas comemora o aniversário de uma delas. Que mesa! De doze a quinze jovens saboreiam discretamente alguns pratos dos quais não consigo imaginar o conteúdo. Também alguns casais se encontram no recinto – com o clima que somente Cupido poderia lhes conferir.

Chega o cardápio. Que conjunto de acepipes! Basta folheá-lo para ter água na boca! Gostaria de ser milionário para fazer as refeições diariamente neste recanto. Agora entendo o motivo de tantas pessoas se esforçarem tanto para serem ricas. Seria maravilhoso poder vir aqui para o almoço e para o jantar!

Jamais tive a oportunidade de saborear alguma das iguarias expostas no cardápio dos sonhos, então peço a assistência da garçonete.

Quando chegam os pedidos não há adjetivos para descrever as delícias que se apresentam. Um tempo que representa uma fuga ao controle dos relógios: trata-se de uma necessária abstração a este mundo cruel. Saboreio o que de mais maravilhoso jamais degustei. Nem olho para a conta. Seria indigno de uma pessoa dotada de nobres sentimentos, ainda mais após ter recebido tanto.

Ao sair, sou outra pessoa. A felicidade exsuda de todos os poros.

O pobre José Augusto pensou no que acima se descreveu. Coitado. Aos poucos foi tomado por aquele lugar mágico. Claro que uma ida mensal àquele incomparável local apenas representava uma pequena parte de sua renda. Os economistas cunharam a expressão renda discricionária: é o que sobra, após o pagamento das despesas necessárias.

José Augusto alocou ali toda a renda discricionária. Foi tomado de um desejo irrefreável. Uma ida ao mês já não o satisfazia. Passou a ir quinzenalmente.

O que faz um pobre profissional de classe média quando o cartão de crédito começa a cobrar? Os juros são altos. José Augusto não tinha bens a vender: o que lhe dariam por

um aparelho usado de TV ou por uma geladeira velha? Ficou sem crédito, porém jamais deixaria de ir àquele restaurante, pelo contrário, ampliou a frequência. A cada refeição que fazia, já saía com vontade de retornar.

Não, definitivamente o José Augusto jamais abandonaria aquele estilo de vida. Qual o problema? O que precisaria ser feito? Não dispunha de recursos para pagar o cartão de crédito. Um primeiro assaltozinho não é nada. Máscara, um carro rico à saída de uma loja, uma dama rica... Pagou a dívida e voltou a ter crédito.

Para evitar problemas e deter um “estoque de liquidez”, passou a ficar sempre ligado, máscara no bolso, pelas regiões das grã-finas. Fez outras operações. Que diabos! Qual o problema? Em um país sem inflação, como os juros do cartão seriam tão altos? Isso sim constitui um roubo, nunca o que ele fazia.

Escolhia pessoas ricas, e se apropriava de uma parte minúscula de seu patrimônio: o que levavam em espécie. Claro que em alguns casos o excesso de joias era tamanho que a tentação era enorme. Seu gesto era tão genuíno, que chegava a ser altruísta. Sim, elas ficavam contentes em não serem feridas nem agredidas, não se contentavam apenas em deixar uns trocados, e já iam se adiantando em tirarem as joias. Ele insistia em não querer documentos nem cartões.

Ir àquele restaurante compensava os riscos. Na verdade, trabalhava para manter o saudável hábito. Tudo mais em sua vida era acessório. A garçonete o julgava um descolado milionário, em trajes casuais, que aos poucos ia desbravando todo o cardápio do melhor restaurante da cidade, sem servir-se de vinhos caros. De poucas palavras, a conversa do José Augusto era acessível e atraente.

Os olhares dela, o atendimento perfeito em seus menores gestos, enfim o conjunto da obra permitiu ao nosso assíduo cliente perceber que ela estava ficando afeiçãoada a ele. Com um pequeno empurrão, ele poderia conquistá-la. Nunca o José Augusto refletiu tanto. Como iria ele namorar a inatingível garçonete daquele restaurante, sua companheira de tantos momentos inigualáveis?

E depois? E a realidade? Como dizer a ela que não detinha milhões e que qualquer namoro ou de noivado seria uma união de duas misérias? Teria ele a coragem suficiente para desfazer a imagem que criara junto a ela e junto ao nobre estabelecimento? E o que diria: vivi da rapina ou da caridade alheia nos últimos meses, agora nunca mais virei aqui, vamos começar a namorar?

Por mais que esmurrasse os seus sofridos neurônios, não conseguia trazer soluções ao enigma que criara e no qual se afundava cada vez mais!

Sonhava todos os dias em uma fortuna fácil, apegava-se à loteria. Tantos ganham milhões e não merecem. Ele merecia: essa fortuna viria não apenas consertar a sua vida, mas permitir que ele fundasse um lar, junto a uma jovem admirável. Tentou e tentou, a sorte não o favoreceu.

Para continuar apreciando os maravilhosos pratos e ter as conversas com a amada, ampliou a atividade clandestina. Os desfalques se fizeram crescentes.

Um belo dia teve o infortúnio de assaltar a mesma vítima pela segunda vez. Tal fato representou um acidente à coitada, que se viu privada naquele dia de uma soma considerável: era empresária e iria pagar seu pessoal. José Augusto agradeceu o descuido, pois representaria um suprimento de fundos suficiente para dois ou três meses em seu adorável restaurante.

Após essa bem-sucedida operação, pela primeira vez quis utilizar alguma das joias de seu crescente estoque, para presentear a amada. Quis o destino que o gesto fosse presenciado pela vítima, justamente a empresária por ele fora assaltada duas vezes e que o reconheceria até mesmo diante das barbas do capeta em meio às mais ardentes chamas infernais.

A sorte, ao se afastar, realiza o mais cruel dos abandonos: o namorado da empresária era da Polícia Civil, estava presente, e já conhecia o ocorrido. Bastou um gesto da amada, e José Augusto foi preso em flagrante. Ruiu a sua fama de milionário galante e descolado. A amada – que já o amava secretamente – gritou e chorou diante da confusão.

A vergonha foi enorme, nosso larápio encarou a pobre garçonete, descobrindo ali na mais corriqueira troca de olhares que era amado mais intensamente até do que amava. Desesperado, tentou fugir, o policial não poderia deixar isso acontecer e perder prestígio diante da empresária, que, por sua vez, amava.

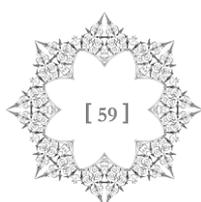
A garçonete se interpôs entre o policial e o amado. O gesto impediu a saída da bala. Na delegacia, ao ter notícia da dívida com a empresária, as poupanças da garçonete foram oferecidas.

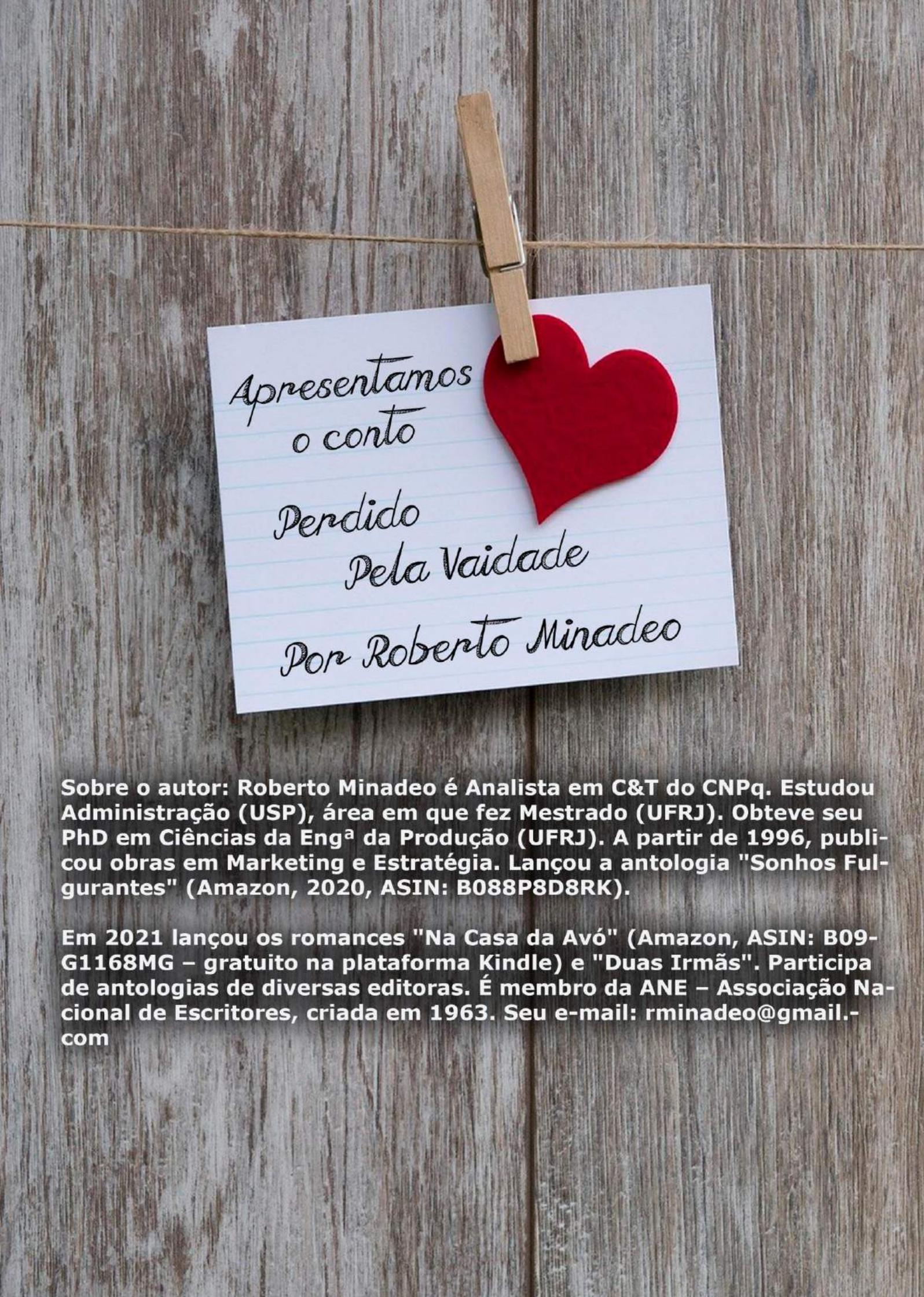
Emocionada, a empresária retirou a queixa.

Ao se ver alvo de toda essa genuína paixão, José Augusto passou toda a vida tentando corresponder e ser digno do tanto que recebeu.

Um único dia presenciou dois casais que se uniram: o policial e a empresária, a garçonete e José Augusto. Tornaram-se amigos inseparáveis.

José Augusto nunca mais pisou naquele restaurante, nobre lugar de trabalho da esposa.





Apresentamos
o conto

Perdido
Pela Vaidade

Por Roberto Minadeo

Sobre o autor: Roberto Minadeo é Analista em C&T do CNPq. Estudou Administração (USP), área em que fez Mestrado (UFRJ). Obteve seu PhD em Ciências da Eng^a da Produção (UFRJ). A partir de 1996, publicou obras em Marketing e Estratégia. Lançou a antologia "Sonhos Fulgurantes" (Amazon, 2020, ASIN: B088P8D8RK).

Em 2021 lançou os romances "Na Casa da Avó" (Amazon, ASIN: B09-G1168MG – gratuito na plataforma Kindle) e "Duas Irmãs". Participa de antologias de diversas editoras. É membro da ANE – Associação Nacional de Escritores, criada em 1963. Seu e-mail: rminadeo@gmail.com

Veneza passava por décadas de crescimento; ao longo da História veio a contar com mais de cem Doges, que fixaram bons moldes republicanos no governo, ao aliarem as melhores tradições dos governantes anteriores com sábias inovações ao longo do tempo. Suas rotas comerciais dominavam o Mediterrâneo, trazendo especiarias e seda do Oriente à Europa e fazendo com que a sereníssima cidade-estado ampliasse as suas fronteiras e as suas riquezas. Apenas as caravelas descobririam novas rotas, minando esse fenomenal ciclo de bonança.

Cristina era jovem, bela e recém-casada com Pietro. Ambos descendiam de famílias ilustres e ricas. O casal, amigo do Doge, obteve uma importante posição de representação junto ao Sacro Império Romano-Germânico, em Viena.

O casal teve três anos maravilhosos, entremeados a inúmeras recepções e encontros oficiais – perfeitos para que os pombinhos consolidassem seus laços e conhecessem a Europa. Entretanto, o Doge que os protegera sofreu um golpe e foi destituído. O casal perdeu o posto e, decepcionado, teve que retornar.

Enquanto avaliavam a possibilidade de assumirem algum dos negócios da família compareceram a um baile diante do novo Doge, apenas para evitarem qualquer mal-estar em função de seus laços com o governo anterior. Ela, esfuziante, dançou como nunca e encantou a todos, propiciando uma ocasião privilegiada de conversa do casal com o novo governante – que mal escondeu ter ficado cativado por ela, um perfeito exemplar da beleza contida em uma embalagem de morena baixinha com olhos castanho-claros, tão comuns entre o seu povo.

O Doge se impressionou especialmente com a sagacidade e a inteligência dela; e fez uma proposta: Pietro seria seu conselheiro privado. Com esse arranjo, o governante julgou, de forma perspicaz, que os problemas seriam discutidos a dois, sendo a ele trazida a preciosa opinião dela – que, compreendeu imediatamente o sagaz alcance da proposta. Enquanto isso, o seu marido, envaidecido, pensou que a proposta se devia apenas às suas próprias qualidades. A República ampliou o seu crescimento, aproximando-se de seu apogeu.

Durante esses anos, vieram os filhos do casal. Cristina estava feliz em contribuir a temas vitais para a sua pátria, além de garantir a estabilidade da família, tudo isso sem sair de sua própria casa.

Em algumas ocasiões, porém, o Doge gostaria de ter acesso às ideias de Cristina com maior agilidade: nem sempre Pietro compreendia a pressa e o próprio alcance dos problemas. Às vezes também não discutia alguns temas vitais com a esposa. Outra causa de desgosto, mais difícil de ser admitida: o Doge estava cada vez mais apaixonado por ela, inventando desculpas para poder vê-la mais vezes, em vão. Tratava-se de uma paixão nascida da mais platônica das origens – a admiração pelas ideias. O Doge e Cristina estavam em uma crescente sintonia, mesmo separados pela distância e pela existência dos respectivos cônjuges.

Dessa forma, se fez natural que um segundo conselheiro fosse nomeado, um experiente ex-embaixador. O governante fez de tudo para que ninguém percebesse a existência de tais assessores – inclusive por ter limitações em seu próprio intelecto e por estar crescentemente dependente de seus preciosos auxiliares, Pietro-Cristina e o recém-escolhido.

O segundo conselheiro não teve dificuldades em aperceber-se das limitações de Pietro e adivinhou as motivações que teriam influenciado em sua escolha. O Doge, por sua vez, percebeu que seu novo assistente estava próximo de uma verdade explosiva, e teve que pressioná-lo, exigindo lealdade e o mais absoluto silêncio, em nome da República e da confiança nele depositada.

As coisas estavam nesse precário equilíbrio quando veio a Peste Negra, que levou sem a menor cerimônia um terço da população da Europa, de parte da Ásia e do norte da África. O Doge perdeu em uma única ocasião a sua esposa e o segundo conselheiro, ficando inconsolável.

O governo passou por maus momentos, devido ao mais absoluto caos que se instaurou. A perda de pessoal na República foi fulminante. Houve famílias inteiras dizimadas pela doença e vilarejos totalmente riscados do mundo dos vivos. A evolução da situação era informada de forma tão lenta que apenas servia para ampliar sobremaneira a sensação de ingovernabilidade, trazendo a mais total e completa exasperação aos pobres encarregados dos negócios. O Doge enfrentou o pior momento de sua vida: às perdas pessoais se uniram os momentos de maior tensão e dificuldade de governar.

Quando Pietro, após passarem os piores momentos, voltou a visitar o Palácio regularmente, o Doge mal conseguia esconder que sua paixão por Cristina e o fato de estar viúvo representavam uma ocasião privilegiada de se livrar desse tonto e fútil conselheiro. Todavia, a mais remota existência de algum ato de violência contra o marido de Cristina, levaria a toda a República perceber que o marido saíra de cena devido à sua intervenção pessoal. Dessa forma, por total ironia do destino, tanto a vida de Cristina quanto a de Pietro se revestiam do status dos maiores interesses nacionais.

O Doge convocou diversas figuras de destaque para a escolha do sucessor do falecido conselheiro: homens de negócios e pessoas que haviam se destacado na defesa dos interesses da República – civis e militares. Evitou chamar novamente diplomatas aposentados, para evitar criar ciúmes junto a outros extratos da sociedade, e especialmente para que não surgisse o costume de que seus assessores devessem ser de tal origem.

Apesar das tentativas de fazer com que o processo seletivo fosse discreto, surgiram boatos, que ganharam peso em função da recente crise pela qual a República atravessara. A escolha recaiu sobre um banqueiro ilustre, dos mais renomados de toda a Europa, e cuja família era amiga de longa data tanto de Pietro quanto de Cristina. Esta, feliz pela escolha e pelo fato de ver que a sua família havia saído ileso dos ataques da peste, continuou a prestar os seus preciosos e ocultos conselhos à Sereníssima.

Um belo dia, o novo conselheiro descobriu papéis secretos do falecido conselheiro, que aludiam a Pietro como detentor da condição de mero leva-e-traz das ideias de Cristina ao Doge. Como banqueiro e assessor do Doge, o dever de guardar sigilo se tratava de algo habitual em sua vida, e absolutamente imperativo neste caso.

Todavia, quis o destino que Pietro ingressasse na sala no exato minuto em que a pasta havia sido descoberta. A reação do amigo em tentar disfarçar o assunto não escapou à perspicácia do “conselheiro”, que passou a inquirir sobre o que se continha naqueles documentos. O banqueiro disfarçou como pôde, colocou tudo em sua valise, alegou uma desculpa bastante esfarrapada para se retirar e saiu correndo à própria residência.

Pietro estava longe de ser um gênio, todavia não seria difícil a qualquer um dar-se conta de que algo daqueles papéis se referia a si próprio. Seguiu o amigo e o abordou quando iria entrar em seu palácio. Foi direto ao ponto, perguntando pelo conteúdo daquela

pasta, alegando a centenária amizade que unia ambas as famílias. O banqueiro disse que estava sendo criada uma tempestade em copo d'água. Convidou-o para entrar e acompanhar a família no jantar.

O ponto fraco do banqueiro era conhecido de todos: a bebida. Assim, entre vinhos e champanhes, Pietro forçou o amigo a falar, obtendo relatos incongruentes a respeito do que o ex-embaixador escrevera. Apesar de bêbado, o banqueiro ainda tentou tirar qualquer importância de todo o episódio, classificando-o de mero conjunto de boatos, causados pela inveja.

Pietro se perdeu pela curiosidade. Alegando a necessidade de ir à toalete, foi atrás da fatídica pasta, encontrando os documentos. Não queria trair seu amigo, perpetrando um furto, de modo que leu ali mesmo o que o ex-embaixador escrevera sobre si e Cristina.

Fora de si, conteve-se a custo, apenas o necessário para se despedir de seus anfitriões. Não quis ir a casa, percorreu as ruas a esmo, imaginando o pior: começou pela certeza de que Cristina seria cúmplice. Depois, sua febril imaginação traçou o quadro mais negro possível. Sim, claro que sua amada esposa não tivera outra opção senão aceitar os ataques do Doge – em uma clássica situação de abuso de poder. Dessa forma, os “conselhos” da esposa certamente teriam sido acompanhados das carícias da traição junto ao governante.

Pietro criou todo esse monstro pelo simples fato de não aceitar a mais elementar dedução encontrada nos documentos que acabara de ler; ou seja, as habilidades intelectuais da esposa superavam as suas. A vaidade o cegou. Jamais ele poderia admitir uma coisa dessas. Não havia a menor possibilidade de dúvidas, o Doge estava buscando em Cristina substituir a falecida esposa. Pior, a traição certamente teria sido iniciada antes.

Uma noite nas ruas, algo que jamais fora visto na existência de alguém de uma ilustre família como a de Pietro, e que deixou Cristina e os filhos absolutamente transidos de medo e preocupação. Afinal, haviam presenciado a recente perda de tantos amigos e conhecidos pela mais terrível doença que os anais da história jamais haviam registrado. Ele não chegou, apenas encaminhou um aviso ao início do dia: estando perto de sua mansão, chamou de longe um dos criados, e rabiscou uma nota, dizendo estar bem, tendo sido atraído por graves e urgentes negócios, sendo impossível que o aguardassem ao longo de todo aquele dia.

Cristina perdeu a tranquilidade, pois tinha o suficiente discernimento para captar a impossibilidade de “negócios” que tivessem absorvido seu marido durante a noite, e pior, que o compelissem a continuar tratando deles durante o nascente dia. Preparou seu ânimo para o pior.

Indignado, Pietro foi tirar satisfações ao governante. Este, confuso e assustado, tentou acalmá-lo, atribuindo a causa dos incendiários escritos à inveja do ex-embaixador por seus sábios conselhos. Péssima abordagem, pois Pietro imaginou estar sendo vítima da tradicional ironia de alguém imbuído de autoridade para aplacar um reles servidor.

Ao vislumbrar que o Doge o tratava com a condescendente atitude de mãe que se dirige a um filho pequeno, seu ânimo azedou ao limite: Pietro explodiu e desafiou o governante máximo da República a um duelo – algo inusitado nos anais da história. O Doge tentou argumentar, dizendo que muito sangue já fora derramado de forma involuntária pela Peste, e que não seria razoável um conflito em função de bobagens imaginadas por um ex-embaixador, aliás, já falecido. Contudo, quanto mais razões o Doge trazia, mais enfurecido ia ficando Pietro.

O banqueiro percebeu logo cedo o que ocorrera. Ainda antes de tomar qualquer atitude, soube do fatídico evento que se aproximava. Sentiu-se um verme, causador de tudo. Afinal, o maldito documento que tantos problemas vinha provocando deveria ter sido imediatamente destruído, pelo simples fato de não ter a menor serventia após lido por ele. Como poderia perdoar-se de tal falta? À imprudência se somou a bebedeira; duas falhas graves. Foi ao Doge e pediu a imediata cessação de seus serviços. Ato contínuo foi informar Cristina do que havia ocorrido, tentando prepará-la para o que viria a ocorrer ao longo das próximas horas.

Cristina não ficou nada satisfeita com o andar dos acontecimentos: ou perderia o marido ou o Doge. Claro que as chances de Pietro ganhar o duelo eram muito maiores – o que representava nada menos que entrar no olho do furacão, ela seria vista como a traidora causadora de tudo, como alguém que o Doge havia usado. Além de tudo, seu matrimônio correria risco, pois uma traição não costumava ser perdoada. Em qualquer dos casos, a sua situação e a de seus filhos enfrentaria considerável desprestígio.

Já ao final da manhã, veio o duelo. Pietro, mais jovem e destemido, era o franco favorito, dominando as casas de apostas à proporção de sete por um. O Doge, todavia, se via no dever de defender não apenas a própria honra, mas também a da República e a de Cristina.

Como se esperava, Pietro estava completamente ensandecido, e começou a luta de forma por demais agressiva, o Doge se defendeu, e logo causou um pequeno ferimento na perna do atacante. Este ficou ainda mais enfurecido ao ver seu sangue jorrar e continuou suas tentativas de definir o combate o quanto antes, sem perceber que em vários golpes defensivos, o Doge lhe impunha mais e mais chagas – pequenas ou ligeiramente mais consideráveis.

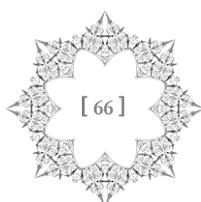
A estratégia de Pietro de tentar cansar o Doge, por considerá-lo idoso, não estava funcionando. Em pouco mais de dez minutos de combate, quase exausto, Pietro começou a cambalear, seus ataques não levavam mais risco algum. O Doge avaliou cautelosamente a situação: Pietro iria espalhar aos quatro ventos a falsidade de sua versão a respeito da traição da própria esposa – ou seja, havendo alguma chance, em nome da governabilidade, fazia-se irrestritamente imperativa a vitória total, ou seja, abater o ofensor. Este não tinha a defesa como um ponto forte e continuou cego, tentando obter uma vitória total rápida. Assim, veio a sucumbir ante um golpe decisivo do governante, que saiu ileso da luta.

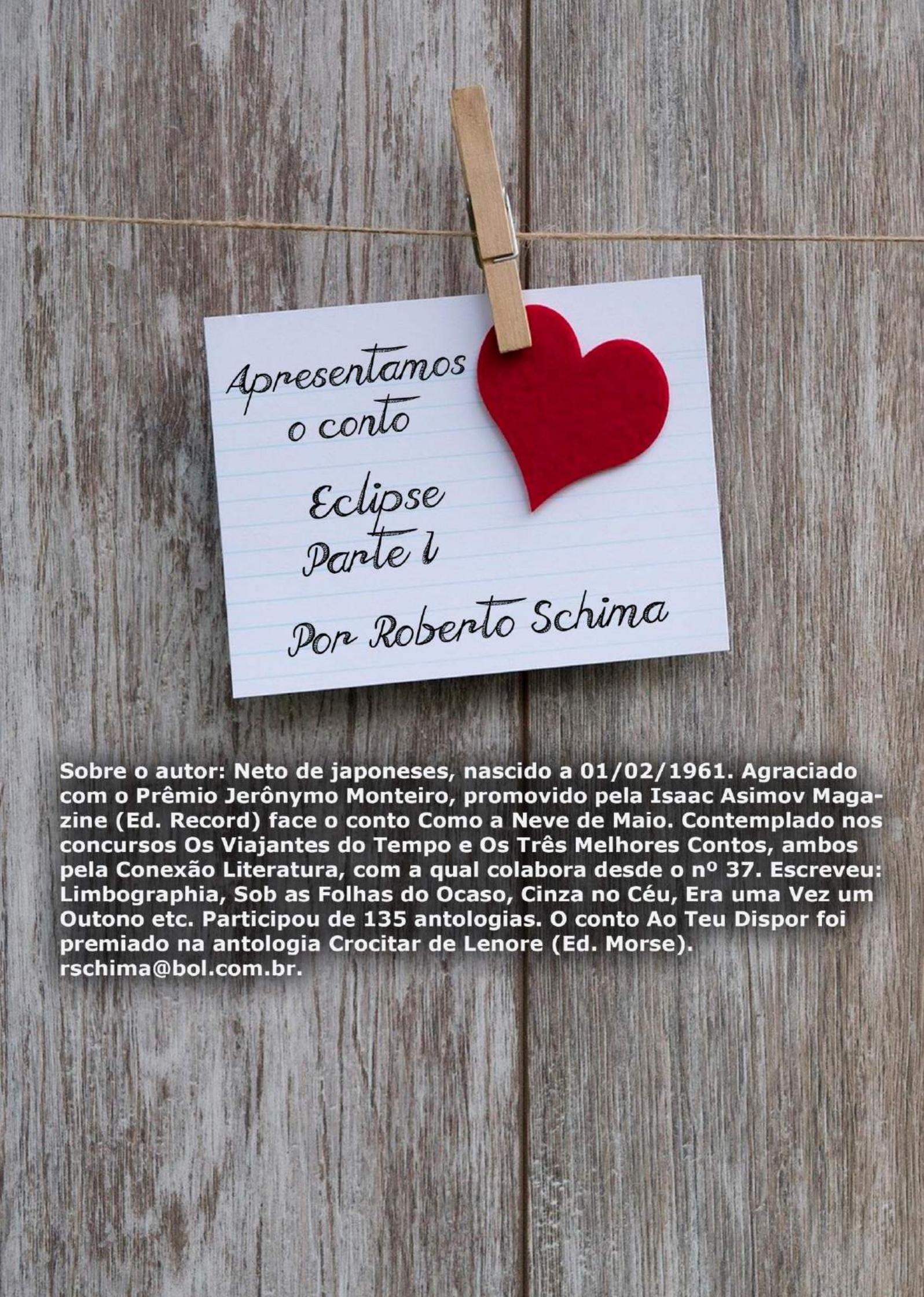
Cristina vestiu luto por primeira vez. Viúva, rica e jovem, se preparou às inoportunas propostas que viria a receber. Alguns primos distantes foram os primeiros, imbuídos dos mais nobres deveres de manterem a honra e o patrimônio sob o manto da sagrada unidade familiar.

Todavia, para sorte de Cristina, o Doge se antecipou. Fez uma faustosa festa a primeira desde a Peste – chamando ao palácio os mais destacados nomes da República. Naturalmente, ela foi convidada. Diante de todos, afirmou ter sido Pietro o provocador do duelo, com as mais falsas acusações de traição – às quais gostaria de encerrar de forma definitiva. Dessa forma agora estavam livres para unirem os seus destinos.

O argumento crucial não foi dito: ela estaria ao seu lado, aconselhando-o em todos os momentos – o que se fazia necessário nesse delicado momento de reconstrução da Sereníssima.

O casamento foi a festa mais notável dos anais de Veneza, tendo sido fonte de inspiração para romancistas de toda a Europa. Nada menos que a Ponte dos Suspiros foi construída especialmente para a ocasião. O Doge não teve mais dificuldades em acessar as ideias de Cristina – que em muito contribuíram para a República ampliar mais e mais os seus domínios, antecedendo três décadas que a levaram ao seu apogeu.





Apresentamos
o conto

Eclipse
Parte I

Por Roberto Schima

**Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record) face o conto Como a Neve de Maio. Contemplado nos concursos Os Viajantes do Tempo e Os Três Melhores Contos, ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: Limbographia, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participou de 135 antologias. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse).
rschima@bol.com.br.**

O adolescente Sato era a timidez em pessoa.

Magro, cabelos espetados, dentuço, neto de japoneses, Sato era a própria caricatura do nipônico.

Malgrado a vontade dos pais, apaixonara-se por uma *gaijin*: Sandra, a vizinha do outro lado da rua. Todavia, não tinha coragem de se aproximar e muito menos, declarar-se a ela. Nunca se imaginara o príncipe encantado de qualquer conto de fadas — exceto, talvez, na posição do sapo — e, muito menos, diante da jovem beldade de cabelos longos, castanhos e ondulados, busto precocemente desenvolvido, andar, casual, alvo de sua devoção. Admirava-a a distância, quando ela ia à padaria, voltava da escola ou conversava com alguma amiga. Sabia esses horários de cor, pois tantas e tantas vezes a acompanhara com os olhos. Se por acaso coincidissem dela virar o rosto em sua direção, ele — mais enrubescido do que uma pimenta dedo-de-moça — cuidava de disfarçar, admirando sabe-se lá o que fosse sob suas unhas.

Sato gostava de astronomia. Menos por razões científicas e mais por identificar-se com a escuridão e o vazio. Não raro, passava as noites a observar as estrelas tanto quanto observava a casa da mocinha, cujas luzes acesas assemelhavam-se a uma constelação. A mercê da friagem em seu rosto, suspirava feito o bobo que era. Por vezes, julgava ver o rosto de Sandra entre os astros, cabelos a tremular sob a brisa cósmica.

Akemi, a avó, ao contrário do neto, não era tola nem nada. Observara o comportamento do neto durante dias e noites, enquanto ele ficava debruçado no muro da frente de casa, olhar tão perdido quanto perdido estava seu coração num torvelinho que, como tal, não conduzia a parte alguma. Também percebera em Sandra uma boa moça e, se não era apaixonada pelo seu neto, tampouco lhe era indiferente, já tendo lançado dois ou três sorrisos na direção de Sato. Só que este, embaraçado, sequer prestara atenção, fingindo que observava o movimento da rua, por mais deserta que estivesse.

— *Baka!* — murmurara a velha, sem maldade.

Tal situação não perduraria para sempre: a moça era bonita, jovial, corpo bem feito e de boa família. Não tardaria para que um rapaz — fosse da vizinhança, da escola ou de algum baile que ela comparecesse — demonstrasse interesse e fosse cortejá-la, embora tal palavra estivesse fora de moda.

Diziam que, quem tinha pressa, comia cru. Por outro lado, quem não se mexia passava fome. A gente colhia aquilo que plantava. Se não plantava nada, esperava colher o que, a plantação do vizinho?

Avó Akemi matutou e matutou, refletindo sobre sua longa experiência e as vezes em que, ela própria, bancara a *baka*, amargando seus arrependimentos por anos, senão a vida inteira.

Uma noite de setembro, enquanto o neto fitava o firmamento, um lampejo assomou o espírito da velha.

"É claro, o céu!"

As estrelas sempre foram boas companheiras em todas as gerações e oportunidades, independentemente de idade, sexo, país, raça, religião, cultura, ideologia. Esses penduricalhos da humanidade, nada representavam para elas. Cintilantes, livres, silenciosas, frias e imutáveis. Ouvintes perfeitas na sua eterna sabedoria. Akemi sabia disso, pois, em sua juventude, quanto não chorara para elas ao se ver obrigada a abandonar sua terra natal e atravessar meio mundo até uma terra estranha? Ainda por cima para se casar com um homem que só conhecera através de uma fotografia em preto e branco, numa cerimônia arranjada como era típica na época. Dera-lhe uma dezena de filhos, fora fiel até a morte do marido no ano anterior, aprendera a respeitá-lo, afeiçoar-se até, mas nunca o amara. Se os astros não sussurraram uma resposta, ao menos não falaram besteiras. E isso era muito mais do que poderia se esperar das pessoas que a rodearam. As lágrimas secaram. Houvera o consolo e, enfim, a resignação.

Abriu a porta da sala e, quase sem fazer barulho, saiu e colocou-se ao lado do neto.

Sato teve um sobressalto, engolindo a metade de seu suspiro.

— Boa noite, bá.

— Boa noite, Satinho.

Sato, odiava o diminutivo. Cansara de ouvir os amigos da rua fazerem chacota, chamando-o de Sapinho, Saquinho ou outro trocadilho infame. Porém, vindo da avó, não se importava, pelo contrário. Ela era a única pessoa cuja menção à Satinho fazia-o se sentir acarinhado e protegido, afinal, cuidara dele desde o berço, mimando-o como se seu próprio filho fosse.

— Conversando com as estrelas? — perguntou a velha de rosto rechonchudo.

— Mais ou menos.

A idosa silenciou um momento, observando a lousa do céu. Inúmeras memórias vieram-lhe à mente.

Embora o neto olhasse para cima, a estrela que via diante de seus olhos era outra, situada na Terra e bem próxima a ambos, mas, de certa forma, tão distante quanto o Sol de Alpha Centauri.

Enquanto Akemi buscava inspiração nas trevas da noite, um meteoro fez um risco de luz.

Sato nem chegou a ver, agora concentrado na casa da pessoa amada.

Uma ideia aflorou na mente perspicaz da idosa.

— Já ouviu falar de eclipse?

— Claro, bá!

O adolescente de quatorze anos se sentiu ofendido. Não somente colecionava artigos de jornais e revistas sobre astronomia e exploração espacial, como até lera dois ou três livros sobre o assunto. Assim, continuou:

— Tem o eclipse solar e o lunar. No caso do eclipse solar, ele ocorre quando a Lua...

A velha ergueu uma de suas mãos de pergaminho, pedindo que o neto se calasse. Ela só indagara se ele tinha conhecimento do fenômeno. Não queria uma aula daquilo que ela própria sabia.

— Eu vi esses dois tipos de eclipse ao longo da vida — disse ela. — Sei que era registrado pelos chineses na antiguidade. Eles achavam que, no eclipse solar, um dragão devorava o Sol. Então, saíam para as ruas, gritavam e batiam tambores para afugentá-lo. Com o susto, o dragão regurgitava o Sol e tudo voltava a ficar bem... Até o eclipse seguinte.

O neto arregalou os olhos. Quase era possível ver os pontos de interrogação coroando sua cabeça.

— Acha que só você se interessa pelos astros? — falou bá Akemi, dando uma piscadela. — Para você, sou só uma velha cansada que faz *gohan* e *onigiri*, mas já vivi mil vidas! Contudo, não é da história do dragão que eu queria lhe falar.

— E do que seria, bá?

— Aquiete-se e ouça.

— Está bem — respondeu o neto, tornando a mirar a abóbada.

Akemi buscou pelas palavras no luar prateado a se despejar sobre os telhados e a prata de seus cabelos. Era uma lua minguante, quase tornando-se nova, de forma que mal passava de uma semicircunferência de luz. Inspirou fundo, abrigando um fragmento da noite dentro do peito.

— Um longo tempo atrás, não existia absolutamente nada, sequer o próprio Nada existia. Era tudo escuro, mas não havia escuridão, pois sequer a Escuridão havia. Então, primeiro surgiu o Nada e sua irmã, a Escuridão. Como pode imaginar, tudo no Nada era um grande vazio cheio de Escuridão.

— Tudo, nada, vazio, cheio... É meio confuso...

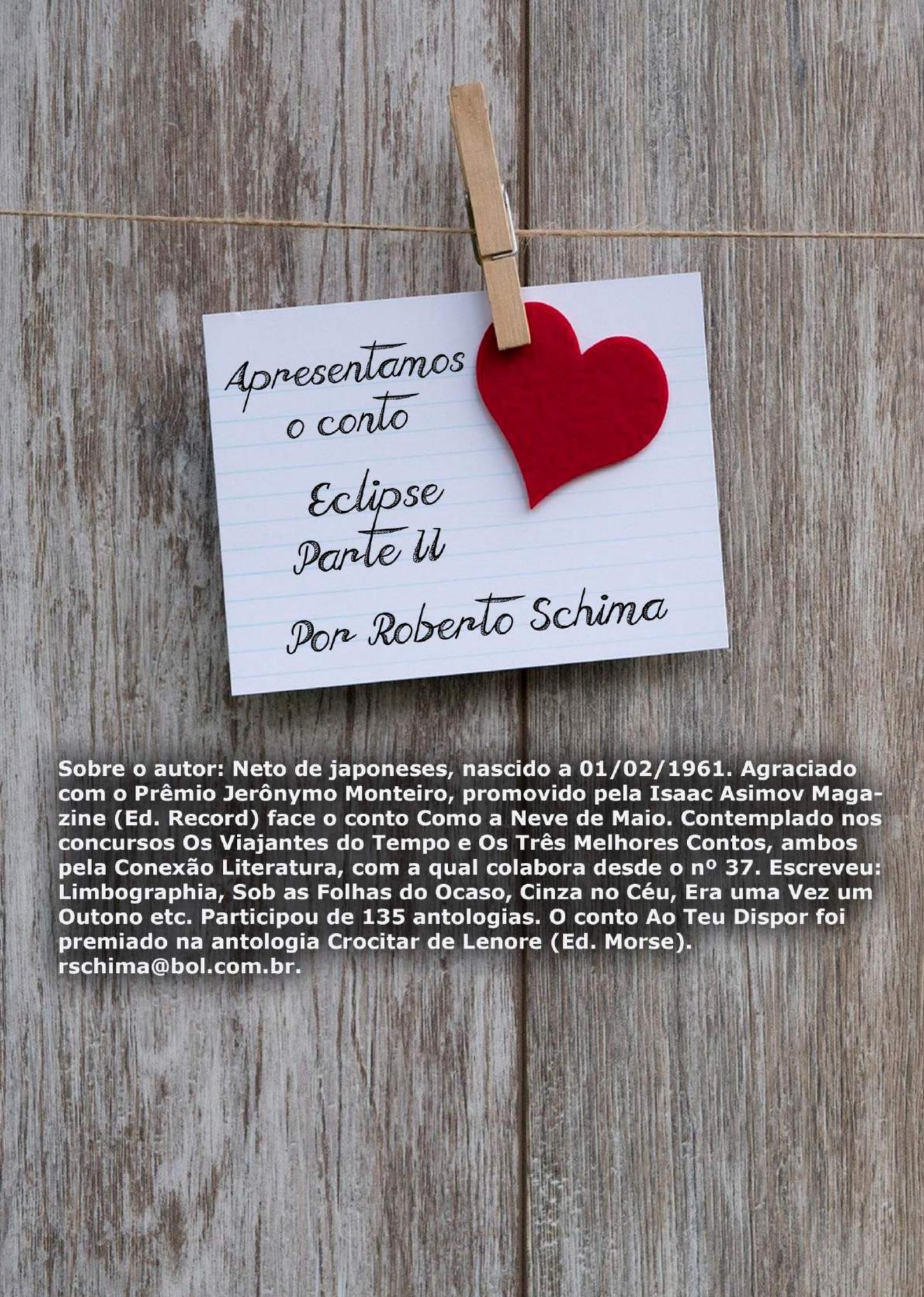
— Quietos! Um dia, quando sequer dia existia, surgiu o Sol: grande, turbulento, cheio de fogo e luz. Depois, veio a Terra, a Lua, os outros planetas... incluindo o nono, Plutão.

— Plutão é um planeta anão — protestou Sato. — Assim como Ceres. O sistema solar tem oito planetas!

Em vez de repreender o neto por mais uma interrupção, Akemi ergueu as sobrancelhas, admirada.

— Tem lido mesmo sobre isso, não é? Mas vejamos. Durante a maior parte da minha vida, Plutão foi considerado um planeta. Não por acaso, é difícil eu deixar de sentir resistência ao seu rebaixamento. De qualquer modo, suspeito que Plutão, em seus bilhões de anos de existência — e outros bilhões a mais que virão, muito depois da humanidade ter sido extinta — pouco se lixou para o que pensamos ou deixamos de pensar.... Sinto-me afortunada por ter vivido para ver as incríveis imagens da *New Horizons*. É assim que a sonda se chama, não é? Por fim, Satinho, uma questão que tem menos a ver com astronomia, mas, quiçá, com filosofia: não obstante a insignificância das rotulações humanas diante de um Universo que lhe é indiferente, deixo uma questão tomando por base a analogia em relação às pessoas: um planeta será menos planeta por ter sido tachado de anão?





Apresentamos
o conto

Eclipse
Parte II

Por Roberto Schima

**Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record) face o conto Como a Neve de Maio. Contemplado nos concursos Os Viajantes do Tempo e Os Três Melhores Contos, ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: Limbographia, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participou de 135 antologias. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse).
rschima@bol.com.br.**

Sato ficou de queixo caído. Foi a vez dele se admirar. Nunca imaginara o grau de erudição da avó — aquela que trocara as suas fraldas, acalentara-o nas tempestades e esquentara a sua mamadeira —, e, tampouco sua fluência, apesar do sotaque. Ela mencionara mil vidas? Que diabos fizera na juventude? Fora astronauta da NASA?

— Eu...

— Só jogando conversa fora, Satinho. Apegamo-nos demais a rótulos em detrimento da essência. Mas onde eu estava? Ah, sim, o Sol, a Lua e a Terra... A Terra — observadora paciente, mãe do vento, das nuvens, dos rios, dos mares e de todas as criaturas — percebeu que a Lua se enamorara do Sol. Entretanto, a Lua era tímida demais, sentia vergonha de se declarar e, na verdade, até de ser notada pelo imenso e radioso astro-rei. Na maior parte do tempo, ficava oculta sob a sombra da Terra. Quando a aurora chegava, ela sumia. Ao crepúsculo, surgia. Às vezes, a Lua reunia toda a coragem que havia em suas crateras e permanecia um pouco no céu após o amanhecer. Porém, só admirava o objeto de sua adoração a distância, ofuscada, sem nada dizer. Perdia terreno para Vênus que, mais próxima e impetuosa, não se fazia de rogada em flertar. Pode-se dizer que Vênus era "quente". Ademais, gozava de um *status* superior à Lua, afinal, era um planeta e não um mero satélite. A Lua tinha ciência disso, o que, aliás, contribuía para realçar seu embaraço e sentir-se diminuída.

— Acho que estou entendendo onde a bá quer chegar...

— Espero que sim. A Terra, um dia, falou para a Lua: eu abrigo milhares de flores. Admiro-as demais. Porém, se eu nada mais fizer além de contemplá-las, elas murcharão, secarão e, por fim, morrerão. Por isso, transformo meus lagos, rios e mares em nuvens e as faço chover sobre elas. Minha água e meu solo, nutrem as flores e elas, em troca, se abrem em cores de arco-íris e suaves fragrâncias. Sem atenção não há reciprocidade.

— O que a Lua disse?

Avó Akemi sorriu.

— Ela falou que não havia água em sua superfície...

— Essa não!

— Pois é. A Lua vivia no mundo da lua. A Terra, por conseguinte, dispensou a linguagem figurada e foi direto ao ponto: declare seu amor ao Sol! Num esforço supremo, foi o que a Lua, finalmente, fez.

A velha silenciou.

Estrelas cintilavam, pacientes.

A brisa soprou um hálito carregado de orvalho.

A paciência do adolescente, que nunca fora essas coisas, esgotou.

— E daí, *batchan*?

— Ah, o amor da Lua foi correspondido! Desde então, na lua cheia, ela despejou a felicidade em forma de luz sobre todos os casais de namorados. É por isso que, de tempos em tempos, a Lua e o Sol se encontram, unindo-se na forma de eclipse. E assim farão até a eternidade terminar: se encararão, se abraçarão e se beijarão em meio a luz das estrelas. Por isso eu digo, Satinho, se você não der por conhecer o seu sentimento por ela — apontou na casa do outro lado —, como qualquer flor poderá vingar?

— E se aquilo que eu jogar não for água, mas veneno?

— Então, não era para a menina ser a flor do seu jardim. Ao menos saberá disso e, em vez de seguir por uma rua sem saída, trilhará um novo caminho, livre dos grilhões da dúvida e da espera sem fim.

Sato fitou sua avó com um novo olhar. Ela tinha razão. Ademais, qualquer que fosse o resultado de sua paixão em relação à Sandra, a avó Akemi estaria ao seu lado, bem como as mil vidas que ele ansiava por conhecer.

— Tá bem, bá. Vou buscar meu esforço supremo.

Proseguiram os dois a mirar o firmamento, na noite fria de um final de inverno.

Havia esperança.

Havia medo.

Havia...

Sandra, a linda adolescente de cabelos longos, castanhos e viçosos, cujo corpo era de mulher poderia ter correspondido. Os dois passariam a namorar. Desafiariam o preconceito de ambos os lados. Comporiam sua própria história na tela negra das estrelas. A seu tempo, teriam lindos mestiços a absorver o melhor de dois mundos.

Mas não foi assim.

A realidade tendia a ofuscar o sonho, assim como o dia apagava a noite.

Sandra mal conhecia Sato e, se sorrisse para ele, fora por mera cortesia entre vizinhos. Pega de surpresa, repelira o sansei:

— Você está louco? Ficou besta? Sai pra lá! Vê se se enxergaaa!

Não foram palavras compreensivas ou gentis, tampouco faziam parte de seu repertório habitual. Contudo, o medo criava couraças, erguia escudos, fazia empunhar armas.

Sato, de coração despedaçado, sentiu-se a mais repulsiva das criaturas.

Uma barata.

Uma lesma.

Um verme.

Desejou encolher e se enterrar o mais fundo possível, entre as minhocas.

Que atrevimento!

Quem se julgara ser?

Um Don Juan oriental?

Galã de cabelo espetado?

Não era príncipe, mas sapo!

Retornou arrasado para sua casa e ficou trancado um bom tempo.

Odiou a avó.

Odiou a astronomia.

Mandou o inverno às favas.

Por mais sensatos que fossem os argumentos da avó Akemi, até os *onigiris* Sato deixou de comer por uma semana inteira. No final, claro, a voz do estômago gritou mais alto.

Não era a flor de seu jardim, mas de outro.

Deveria trilhar um novo caminho.

Mais tímido do que nunca.

Sem coragem.

Só.

Eventualmente, a adolescência terminou. Os hormônios se acalmaram. O dramalhão nipo-mexicano ficou para trás como uma recordação a ser revivida com vergonha. Conheceu uma moça — *gaijin!* — e, para seu alívio, ela correspondeu. Casaram-se e tiveram gêmeos, um casal. Ficou tentado a dar-lhes o nome de Hélio e Selene — o Sol e a Lua —, mas abdicou em favor da esposa.

Um dia, chegou um cartão parabenizando-o. Dizia apenas:

Na sombra da noite,

*a Lua sonha, triste,
em fazer amor
na forma de eclipse.*

Não precisaria ter lido o remetente para saber de quem era.

Ele sorriu, ciente do amor da avó pelo neto, de sua reciprocidade e do quanto aprendeu com ela e sobre ela nos anos que se seguiram àquela noite de setembro.

Não, ela não foi astronauta da NASA, mas... Puxa, que vida extraordinária!

O nome da avó Akemi, agora bem idosa, significava "a que brilha lindamente".

Sim, sempre fora uma estrela de fato. A mais sábia. A mais fulgurante. A mais compreensiva.

Quanto à Sandra?

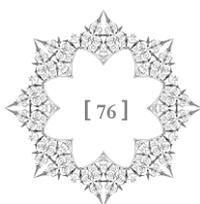
Ela se mudou do outro lado da rua no ano seguinte. Pelo que Sato soube de terceiros, namorou, casou e teve um garoto. Amou muito o marido e foi amada por ele. Uma bela família em seu próprio jardim.

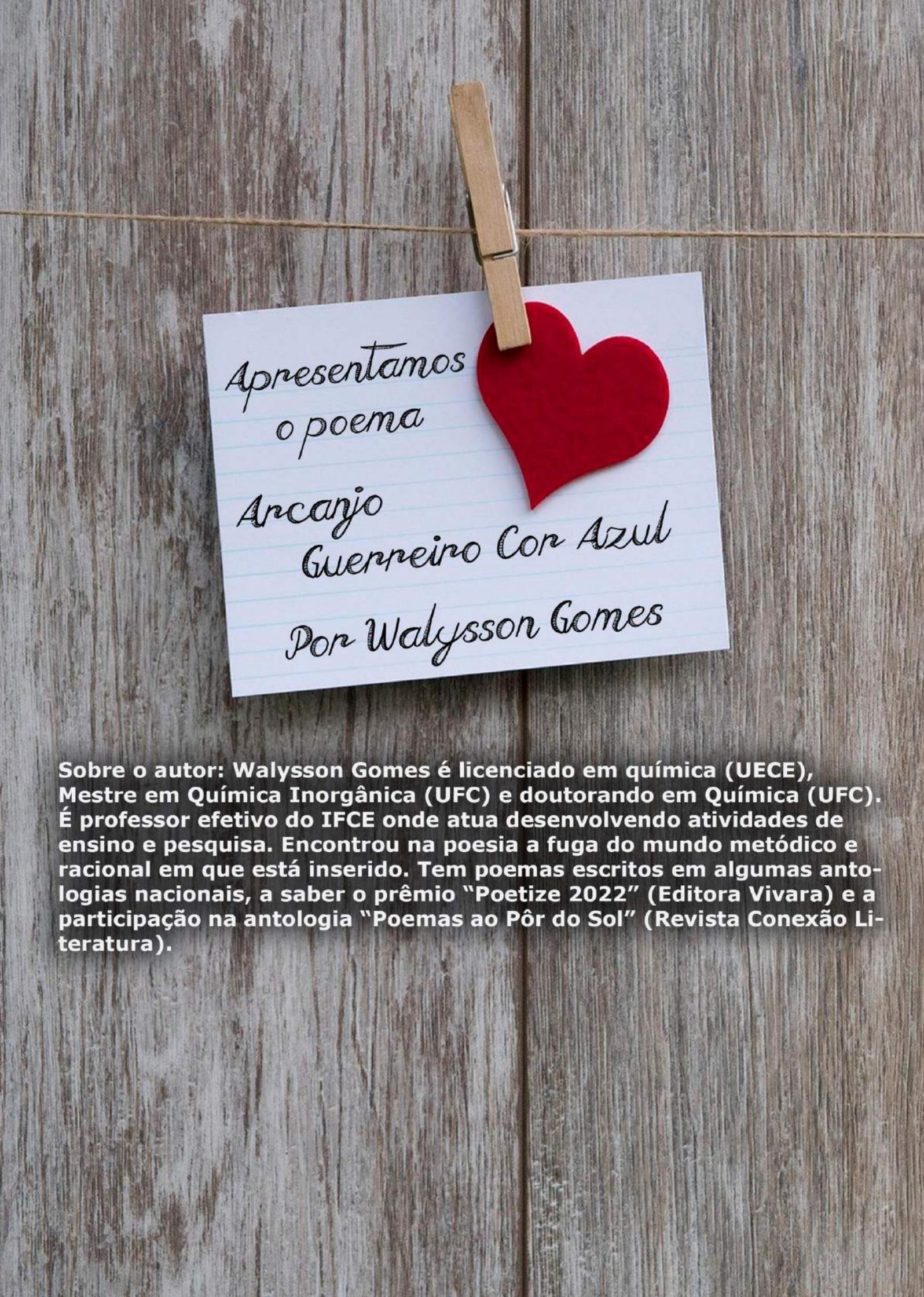
Do fundo do coração, Sato não teria desejado menos para ela.

Fez a paz com as estrelas e, na lousa do céu, passou a ler a história de sua família.

NOTA DO AUTOR:

No início dos anos 90, conheci uma Akemi. Trabalhava como oficiala de justiça em São Paulo. Era simples, acanhada, um tanto agitada, de fala mansa e gentil. Durante o exercício de sua função, quando se via diante de pessoas em situação de penúria, sem condições de arcar com as custas processuais, cujo mandado fora cumprir, ela se encarregava de pagar do próprio bolso. Era uma gota de humanidade em um oceano de leis, súmulas, artigos, incisos e parágrafos. Sofria pelas pessoas. Ao mesmo tempo, contou-me certa vez que não via graça em nada, talvez desapontada com tudo o que presenciara. Seja como for, após eu mudar de cidade, soube que tirara a própria vida. Deixou marido e filho. Custei a aceitar e, mais ainda, a compreender. Mas o céu se enriqueceu de mais uma estrela: bondosa, cintilante e, quero crer, finalmente em paz.





Apresentamos
o poema

Arcanjo

Guerreiro Cor Azul

Por Walysson Gomes

Sobre o autor: Walysson Gomes é licenciado em química (UECE), Mestre em Química Inorgânica (UFC) e doutorando em Química (UFC). É professor efetivo do IFCE onde atua desenvolvendo atividades de ensino e pesquisa. Encontrou na poesia a fuga do mundo metódico e racional em que está inserido. Tem poemas escritos em algumas antologias nacionais, a saber o prêmio "Poetize 2022" (Editora Vivara) e a participação na antologia "Poemas ao Pôr do Sol" (Revista Conexão Literatura).

A meu filho, Miguel Gomes Viana

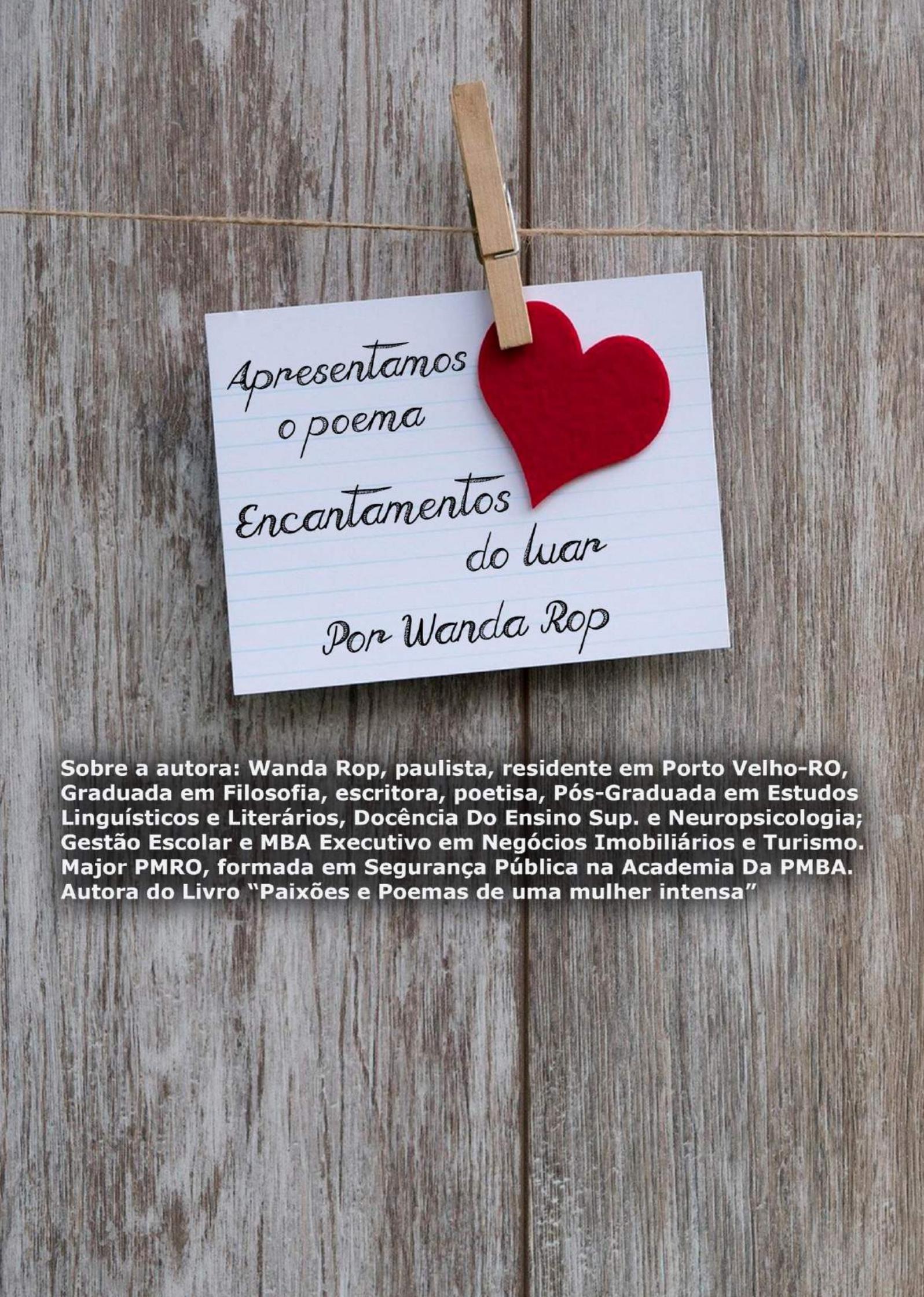
Nascido com o nome do arcanjo
Guerreiro, empunha a espada a lutar.
Já foste concebido pra brilhar
Desde o momento prévio ao derradeiro.

No início afirmaste tuas destrezas:
Precoce eloquência e inteligência.
Tão irrequieto, não tens paciência.
Há pressa de erigir tuas fortalezas.

O mundo tenta te dissuadir,
Te fazer duvidar por onde ir.
Serei o teu farol na madrugada.

Tantas existências acinzentadas,
Foste me confiado logo tu:
“Meu arcanjo guerreiro cor azul”.





Apresentamos
o poema

Encantamentos
do luar

Por Wanda Rop

Sobre a autora: Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, Graduada em Filosofia, escritora, poetisa, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa"

O seu brilho em meu viver é um bálsamo

Que invade lentamente o meu ser

Energizando e iluminando minha alma

Transmutando-se em força e poder

Perco-me a decifrar suas enigmáticas fases

Numa ruptura com a monótona realidade

Desencadeando devaneios

Movo-me a enlaçar a felicidade

Semelhante à Lua reluzente

Minha alma diáfana é forte

Suportando o ritmo do amor incandescente

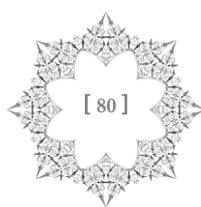
Resolutamente subjugando a morte

Lua amada, preciosa e esplendorosa

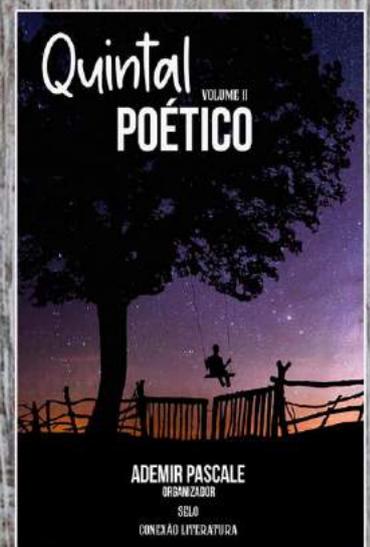
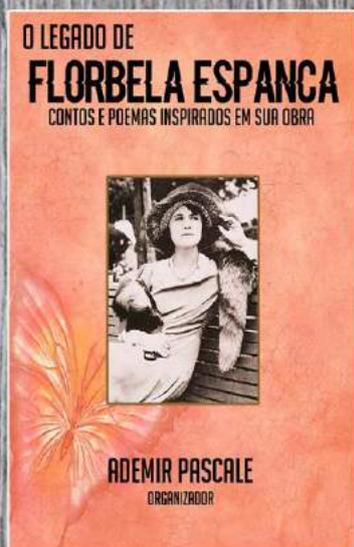
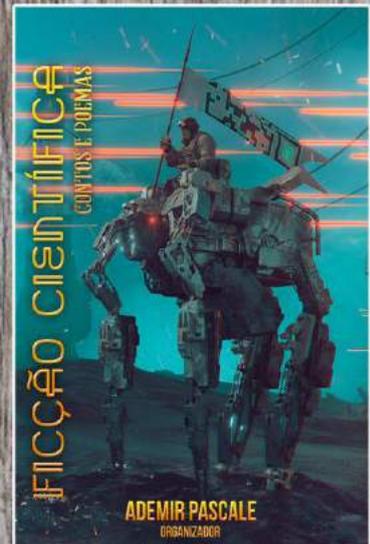
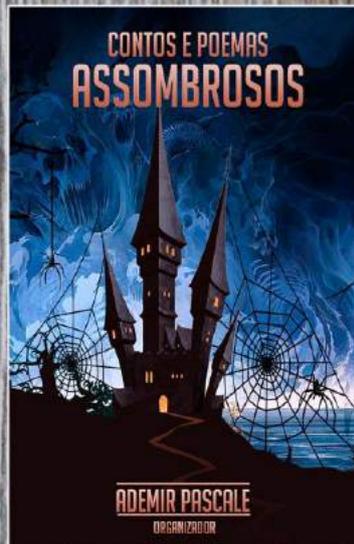
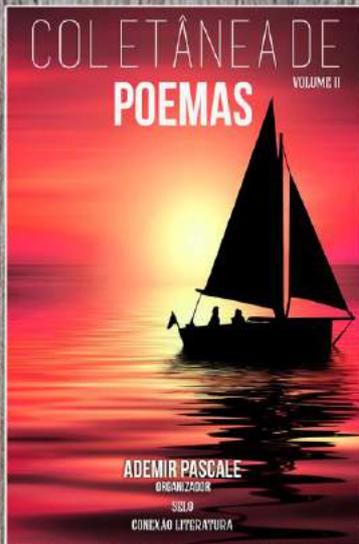
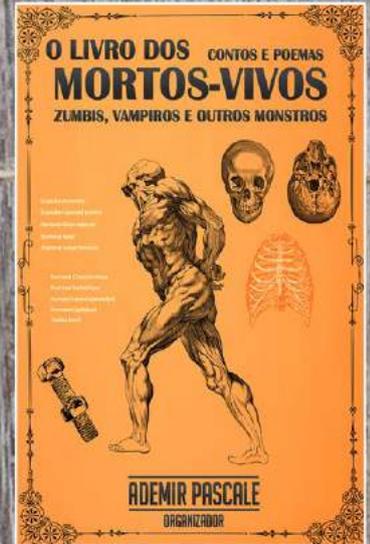
Partilhando sobre nós seu magnetismo especial

Encanta-me profundamente sua beleza genuína

Concebendo assim um sentimento sem igual



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI